

182  
n.º 2

# DISSERTAÇÃO

SOBRE O

## ACTUAL GOVERNO DA REPUBLICA

DO

# PARAGUAY

Seguida da descripção de Colmbra, do Pão de Assucar, e outros logares: dos actos de vandalismo praticados na provincia de Matto-Grosso por sua ordem, da contestação ao seu pretendido direito a parte do territorio da dita provincia e da indicação dos meios de se lhe poder fazer a guerra em desaffronta das atrocidades e insultos commettidos pelos seus officiaes e soldados.

PELO

Dr. Antonio Corrêa do Couto,

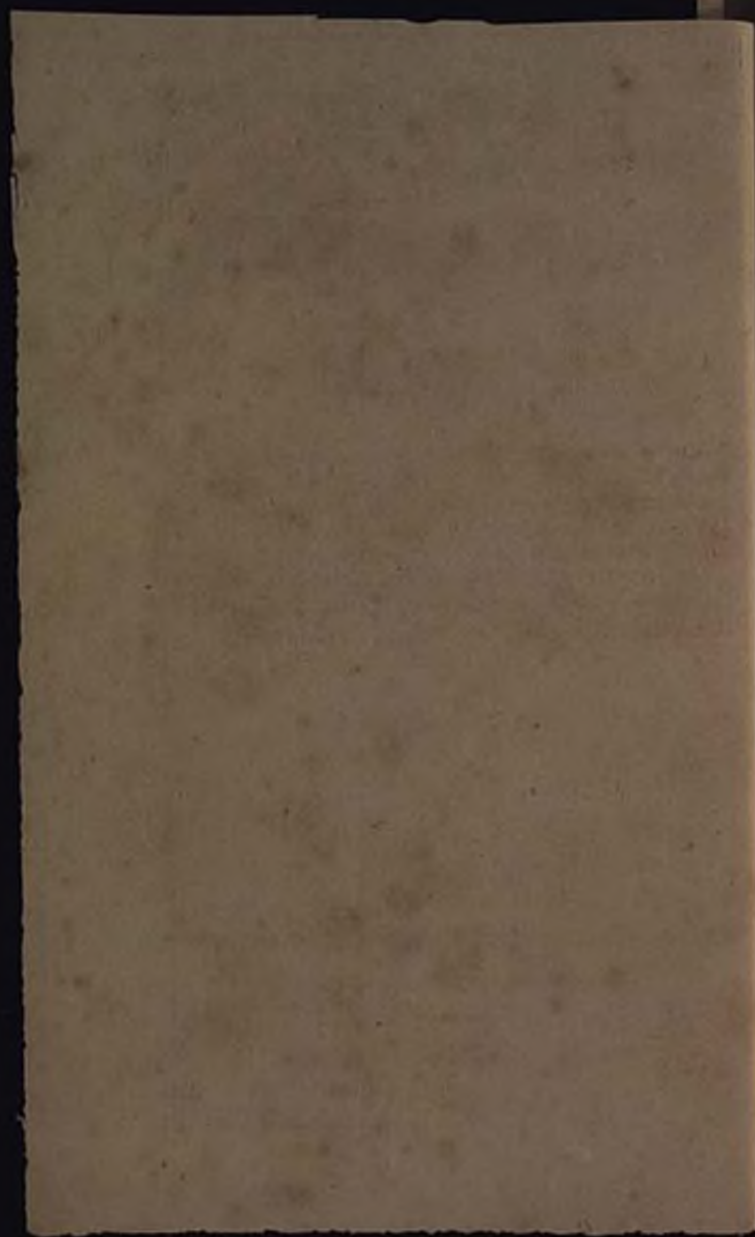
---

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Largo de S. Francisco de Paula n. 16.

1845



102  
m. 2

# DISSERTAÇÃO

SOBRE O

## ACTUAL GOVERNO DA REPUBLICA

DO

# PARAGUAY

Seguida da descripção de Coimbra, do Pão de An-  
sucar, e outros logares: dos actos de vandallis-  
mo praticados na provincia de Matto-Grosso por  
sua ordem, da contestação ao seu pretendido di-  
reito a parte do territorio da dita provincia e da  
indicação dos meios de se lhe poder fazer a guer-  
ra em desaffronta das atrocidades e insultos  
commettidos pelos seus officiaes e soldados.

PELO

DR. ANTONIO CORREA DO COUTO.

G.P.-89

---

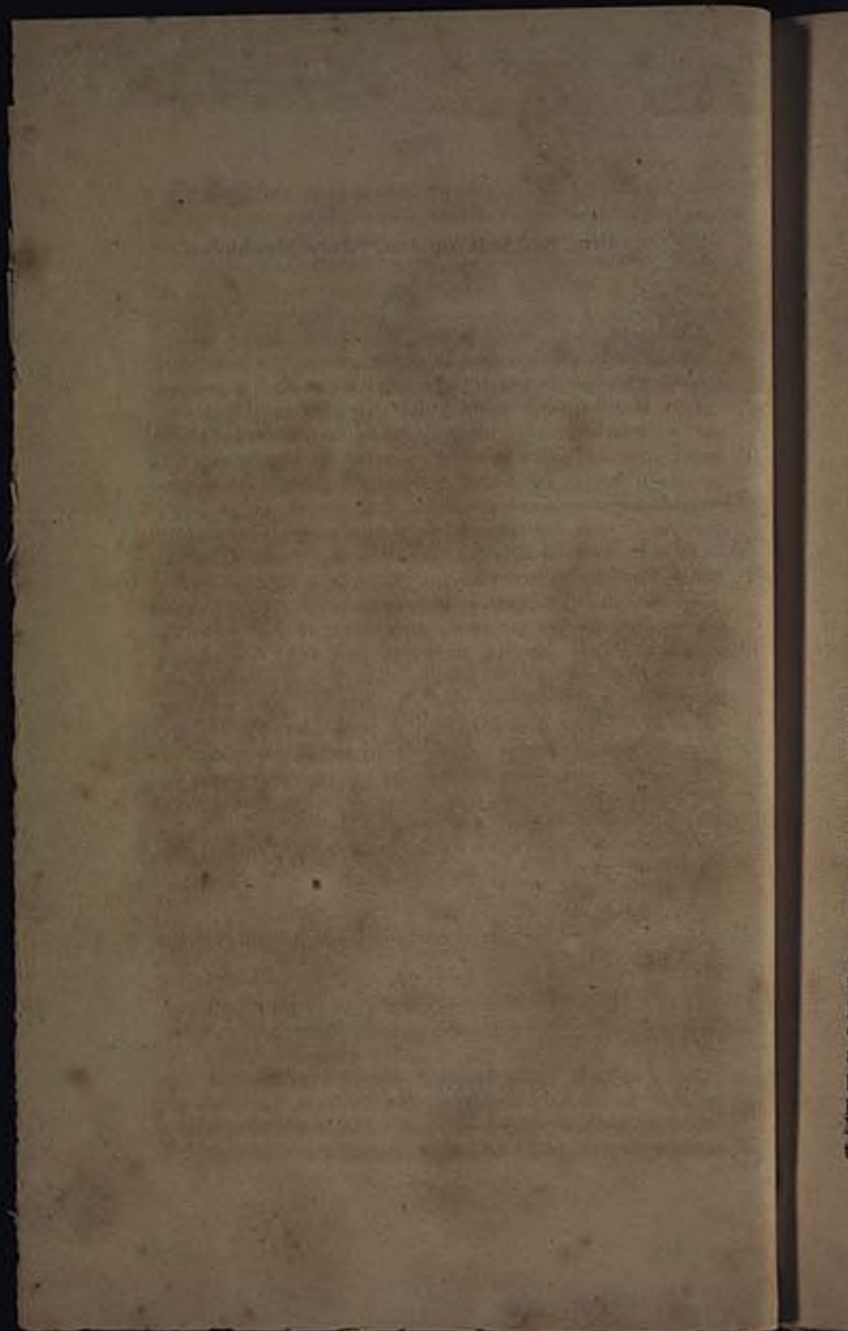
RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Largo de S. Francisco de Paula n. 16.

---

1865.



---

## PRIMEIRA PARTE.

### CAPITULO I.

#### GOVERNO PARAGUAYO.

O despota, que conserva de baixo da mais affrontosa tyrannia o povo Paraguayo, tem sido incansavel em querer convencer ao mundo da proficuidade de seu governo e da espontaneidade da vontade popular em supportal-o.

Assim é que agencia em Buenos-Ayres, e em diversos paizes da Europa, pennas mercenarias que procuram levar á convicção aos espiritos incantos de que o governo do Paraguay é o governo por excellencia, o governo normal para todos os povos do Universo, e com especialidade para o desventurado povo que acabrunha.

Esses jornaes mystificadores são os unicos admittidos em Assumpção, os unicos que se encontram na grande sala do Club nacional; estabelecimento que vive sob a protecção occulta da policia, e que sendo só no logar, com proporções para hospedagem de estrangeiros, estes alli se vem de mistura, dia e noite, com distarçados espíões, e coitado d'aquelle que se atreve a pronunciar uma palavra, se quer, de desaprovação sobre o que observa. Não ha liberdade de pensamento, e consequentemente a tribuna, e a imprensa são condemnadas ao mutismo.

O Paraguay se ha constituido uma curiosidade da America, como um ponto ridiculo do globo em que não se póde lançar a vista sem um sentimento de compaixão, pelo aviltamento a que se ha reduzido um povo digno de figurar entre os que mais se adiantão em progresso e civilisação.

Esse povo, entretanto, que não se julga desgraçado na desgraça, porque ainda não experimentou melhor sorte, porque ainda não gozou das vantagens de um governo livre, tem jesuiticamente sido conduzido ao erro, fazendo-no-lhe acreditar que os brasileiros são seus antagonistas, ambiciosos que só desejão apoderar-se do seu paiz para partilhá-lo entre si e seus alliados.

O Tyranno tem o maior cuidado em consolidar a perpetuidade do seu poder dictatorial na ignorancia, no terror, na corrupção e desmoralização de povo.

Assim é que usurpando o poder espiritual, o a faculdade de consentir ou prohibir casamentos, tem feito com que em toda a Republica se encontrem muy poucas familias unidas pelo sagrado laço matrimonial, e os filhos que nascem desses concubinatos, dessas uniões reprovadas, são condemnados a mais completa ignorancia de que elle proprio dá o exemplo mais saliente.

No paiz não póde haver um só nome conhecido o respeitado.

Além dos da familia do tyranno que reuñem em si todos os predicados de prudencia, sabedora, riqueza, intelligencia, e valor, ninguem mais é digno no Paraguay da confiança do monstro, senão o tambor Resquim, hoje, alcunhado coronel por haver praticado uma infamia, e o seu cunhado Barrios, que teve o ulto merecimento de honral-o por um modo bem singular.

A excepção desses, os que quereñ manifestar algum sentimento de independencia, e de dignidade são logo votados ao extermínio e seus bens confiscados, o elles ou mortos ou lançados em immundos carcere e subterraneos com prohibição de fallar, escrever, ler, e isto por 24 annos!

Quer isto dizer que morrerão infalivelmente se milagrosamente não chegado a escapar como felizmente acon-

teceu aos prestimosos cidadãos Loizaga, Recalde, Thurburu, Decoud, Padre Maiz e outros martyres da liberdade.

Quasi sempre os que não se julgaõ habeis para governar, receiando incorrer em desconocito publico, previnem os effeitos da sua imbecillidade, fazendo-se tomer pelo emprego de meios violentos, e o seu primeiro cuidado consiste em demoralizar e estragar os homens, tirando-lhes o prestigio; e quando a despeito de todas as infamias não o podem conseguir, empregão ostensiva ou occultamente os meios indirectos de chegarem ao seu fim, taes como sonhando conspirações, qualificando-os como inimigos de sua pessoa revolucionarios e contrarios a forma de governo do paiz, ou imprestando-lhes deitesos que os impossibilitam de serem lembrados para qualquer coisa em sua patria.

Tambem pretextando uma conspiração contra si achou Nero occasião mui propicia para mandar assassinar Seneca, seu mestre. o poeta Lucano, Petronco e outros illustres romanos, que o perturbavão em seus nefandos planos de devassidão e de perversidade.

Insignificantes não podem sobre-salir senão na roda dos mais insignificantes.

As nações carecem de homens em que depositem fé. Estes são os braços fortes dos que governão em seus momentos extremos e arriscados.

Pelo que se vê, o governo da Republica do Paraguay, não é e nunca foi um governo democratico, como convinha e era natural que fosse.

A democracia é o governo do povo, o exercicio da soberania popular, o triumpho completo do principio da igualdade.

No Paraguay ha uma dictadura cruel e brutal, e do cujas decisões não ha appello.

Como entre os Romanos o dictador do Paraguay não é nomeado pelo povo; e dos romanos era nomeado por um dos consules com approvação do Senado, depois de consultado os augures, e durante o silencio e a sombra da noite.

Nascia pois do misterio, e misterioso é tudo no Paraguay, onde o estado vem passando de tyranno a tyranno *par droit de succession*. Segue-se d'ahi que de tudo quanto se goza alli é por favor ou concessão sua.

O sanguinario Dr. José Gaspar Rodrigues de Francia já nos proxymos da morte, instado pelo seu curandeiro para que fizesse suas disposições, respondeu coloricamente:— No tengo que hacer disposiciones, mis herederos son mis soldados—isto a 20 de Setembro de 1840.

Por esta razão, seus officiaes, depois de sepultado o despota, reunirão-se para continuarem com o mesmo systema do governo, até que por causa de dissensões, estabeleceu-se o governo consular, depois substituido pelo presidencial, sendo eleito D. Carlos Antonio Lopez, que fôza no tempo de Francia muito perseguido, depois de haver sido muito estimado.

Este goitoso despota, como é sabido, deixou em testamento o estado a seu filho D. Francisco Solano Lopez.

Tyranno tão vaidoso como ignorante, acaba de dar a prova mais exuberante de ser tambem leviano ou louco, cavando um terrivel abysmo debaixo dos pés, por apoderar-se, como um saltador, do vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, e dos seus passageiros; ordenando como chefe da quadrilha, que seu, não menos celebre cunhado Barrios, fosse á testa de alguns infelizes e desgraçados, sem dignidade e sem consciencia, saquear a inoffensiva e inerme provincia de Matto-Grosso.

Os tigres, e em geral todas as feras, não accommettem as suas victimas senão a falsa fé, e a traição.

Hoje não ha circumstancia alguma em que se ache um estado que justifique a dictadura — seria um insolente desprezo de todo o direito e de todo o pensamento.

O governo dictatorial é um crime, e uma loucura. A maioria ou antes todo o povo paraguayo o repelle em sua consciencia,— mas o profundo abatimento moral em que se acha, o enerva.

A oppressão abafa a sua voz, e a desgraçada Assumpção, triste, solitaria e muda, parece recordar ao viajor o



aspecto sombrio de um vasto cemiterio por onde vagam figuram inanimadas, ou que já nao pertencem a este mundo.— Esse governo que opprime o povo paraguayo é illegal, nao é a expressão da vontade popular, devem ser banidos os seus oppressores, e os roubos restituídos a seus verdadeiros donos. O tyranno se arroga o direito de dispor da vida e da propriedade dos cidadãos, tem em fim o *ius vite et necis*.

Sectario talvez da theoria do Bentham de que só a lei pôde dar uma esperança certa de tirar-se proveito de uma cousa, a propriedade, segundo seu pensar, é creatura da lei, sem a qual ella não pôde existir; de maneira que a propriedade e a lei devem ter uma existencia simultanea, o isto porque elle julga que a propriedade não é senão a base da esperança que qualquer tem de tirar proveito de uma cousa.

E como no Paraguay a vontade do tyranno é a lei, que não é preexistente ou anterior, mas promulgada sem uniformidade para os casos occurrentes, segundo a qualidade do individuo a quem se vai applicar, ague-se que elle se julga senhor e dispensador do que lhe convém.

D'ahi a doutrina erronea de que no Paraguay tudo é do estado, e o estado patrimonio do tyranno, cuja vontade é a lei.— Consequentemente tudo se possui por favor ou concessão da sua soberana e suprema vontade; d'ahi a vacillação da propriedade, e a nenhuma garantia individual.

D'ahi o direito de permitir ou não permitir que se trabalhe, e de indicar a cada um em que se lhe faculta empregar sua actividade e seu capital.

D'ahi o direito de mandar sahir bruscamente d'Assumpção um dentista francez por não necessitar-se de tal profissão no paiz.

D'ahi o direito de obrigar todos os cidadãos de 12 a 30 annos, a servir como soldados, sendo apenas dispensados os que se empregão gratuitamente no serviço particular do tyranno, em suas immensas fazendas de criação, nos seus hervaes, e no fabrico do tabaco; com o duplo proveito de evitar concurrentes na promp-

tificação dos generos, e de poder impôr os preços quer para os nacionaes, quer para o estrangeiro, chegando a sua ambição monopolizadora a ponto de não consentir que qualquer genero seja exportado senão em vapor do Estado até Montevideo e Buenos-Ayres.

Na pequena lavoura se empregão exclusivamente as mulheres, que são obrigadas a coadjuvar o estado na sustentação dos filhos e maridos soldados, para os quaes não havendo serviço propriamente militar, são empregados na edificação de predios do governo, nos arsenaes, na via ferrea, na construção de fortalezas, etc.

Desta maneira pôde ter o Paraguay um exercito, como blazona, de 60 mil homens com uma população de 900 mil almas, como poderia o Brasil ter 800 ou 800 mil com 8 milhões de habitantes.

Mas não é possível que o soldado paraguay sirva com a dedicação e patriotismo que tanto podem abrihantar e encorajar um exercito.

Porque o soldado paraguay está sujeito a peniveis trabalhos, a trabalhos que o devem desanimar, e degradar a seus proprios olhos.

Além daquelles que já tivemos oportunidade de mencionar, carregão em seus hombros grossos madeiros, de longa distancia, para as construções do governo, tangidos por guardas ou peões de Chiripá e arriados de instrumento aviltante — vara ou rebonque.

Traballuto como escravos sujeitos ao açoite dos feitores.

Os escravos, porém, tem seus senhores que lhes suprem de roupa e comida.

O soldado paraguay deve comprar a sua custa a camisa de baeta vermelha, seu unico fardamento, e sustentat-se de um pedaço de carne magra, e quasi sempre arruinada, que se lhe dá diariamente.

Dão-se muitos suicidios por causa dos cruéis soffrimentos a que estão sujeitos.

O official Romero tendo tido a coragem de lhe observar que seu procedimento era arbitrario mandando chicotear quasi diariamente seu exercito, foi lançado em grilhões, suas dragôas arrancadas, e incommunicavel

foi enviado a viver com as foras no deserto. A Inglaterra que se arvorou em nação protectora dos escravidos, só por amor da humanidade, porque consente na desgraça dos infelizes paraguayos?

Dizemos que ella era o primeiro a dar o exemplo de desmoralisação e de corrupção.

Corro-nos o dever de provar o que avançamos.

Antes da sua celebrisada viagem á Inglaterra, seu divertimento consistia em máhãr dar bailes publicos, onde se comprazia em ministrar: — vino con úpio a las señoras madres de niñas!!!

.....

Não podendo satisfazer os seus desejos brutacos pela resistencia que encontrava da parte da graciosa e encantadora donzella paraguaya, —Garmendin—foi seu pai morto, sua mãe succumbio de desgosto e seu irmão, com aquelle que deveria ser algum dia seu esposo forão presos e remettidos incommunicaveis para as breñas, ignorando-se ainda qual tenha sido a sorte d'estos infelizes.

A Garmendia é imposta a pena do celibato.

Podendo o malvado prohibir os casamentos, só uma oitava parte da população é cazada.

Aos estrangeiros é apenas permittido cazarem-se com indias, e castizas. Ainda, ha pouco prohibio, energicamente o casamento contratado entre o irmão do consul portuguez e uma moça paraguaya.

A respeito, porém dos desmandos, que soem dar-se em um paiz em taes circumstancias, são elles completamente tolerados.

Deste modo ao anoitecer, e mesmo antes, nas ruas e praças publicas se observo escandalos, que só podem ser tolerados entre seres irracionais ou nas manadas de carniceros.

Em sua viagem á Inglaterra gastou extraordinaria somma para commetter o crime de seductor, conduzindo uma senhora ingleza cazada, com ostentação apparatusa e indecente para Assumpção, onde vive publicamente com ella, apresentando-a em bailes e theatro, como tivemos occasião de observar, quando alli nos achamos, passando como certo que alguns cidadãos paraguayos têm

vido victimas innocentes dos caprichos d'essa orgulhosa estrangeira.

A este respeito não podemos escrever melhor do que o fez o Redactor da *Semana Illustrada* em o numero 216 de 29 do mez findo, sob a epigraphe — *Miss Lopez* e por isso aqui transcrevemos o chistoso artigo :

" Ninguem ignora que o dictador do Paraguay re-  
pouza dos trabalhos politicos e administrativos no collo  
de uma Eva britannica.

" Miss Lopez é bonita, dizem uns, é feia, dizem ou-  
tros. Eu acho que ella é ingleza, está tudo dito.

" Aquelle rei, que reúne o estado em si, não podia  
deixar de ter a sua Maintenon.

" E' preciso imitar os grandes homens, até nos seus  
caprichos mais insignificantes.

" Miss Lopez recebeu o logar da viuva Scarron.

" Dizem que Miss Lopez entretém uma amindada  
correspondencia com lord Palmerston, o que não deve  
ser agradável ao dictador, pois que lord Palmerston, o  
lord Cupido de outros tempos, é um dos mais amantes  
do sexo que tem vindo a este mundo.

" Não ha muito tempo, apesaz dos seus oitenta annos,  
introduzio elle a desordem n'um casal.

" Mas Lopez faria n'esse caso a vista grossa, e certo  
de que a tantas leguas de distancia só pôde haver uma  
reunião mystica, não daria cavaco com a correspon-  
dencia.

" Tudo isto é supposição que veio ao correr da penna.

" Sabe-se que Miss Lopez e lord Pamerston não se  
fallão senão de politica : isto é ainda uma prova de amor  
que a interessante ingleza dá ao seu presidencial amante.

" D'aqui vem que se attribue a lord Cupido uma par-  
te na declaração de guerra ao Brasil. A Inglaterra não  
esquece as injurias; a victoria moral alcançada pelo Bra-  
sil foi uma injuria intingida ao orgulho inglez. E' preci-  
so tirar desforra.

" Qual será a desforra ? disse consiço o ministro bri-  
tannico.

" Uma luta com o Paraguay; posso suxillind-o ás ocul-

tas, e vingo-me dos outros. Muito bem! Depressa, uma carta a Miss Lopez.

" Eis ali como a nova Helena accende a guerra entre os estados.

" Em que maos estão os destinos dos imperios! "

Como consequencia do direito da vida e morte que tem sobre os innocentes paraguayos, ha prohibição absoluta de se sahir da Republica, e aquelles que occultamente o fazem são declarados traidores e infames, e seus bens confiscados.

E como deducção do direito de dispor a sua vontade da propriedade do cidadão, tem feito recahir sobre aquelles que lha insinirão ciúmes e desconfianças muitas mui peizadas que os deixão desgraçados.

De outros compra a arroba de erva mate a oito reaes (1600) e a manda vender ou em Montevideo ou em Buenos-Ayres a 8 e 10 patacões, isto e a 16 e 208000.

Dono ou senhor de todas as estancias da Republica, obriga a que se lhe compre o gado a preço alto, pago em patacões ou onças, sem que elle proprio queira receber moeda papel do paiz, quando para os mais ella tem curso forçado.

A outros tira ou compra contra vontade, estipulando elle mesmo o preço, os melhores edificios e terrenos da cidade e dos campos, de cuja arbitrariedade até já foi victima o nosso consul Barboza.

Em uma jurlavra todas as variadas e extraordinarias produções do paiz são monopolizadas pelo tyranno e sua familia.

Para commetter todas estas arbitrariedades e despotismo traz o povo na mais completa ignorancia, e só depois que Buenos-Ayres teve a generosidade de offorecer um collegio para estudos dos meninos Paraguayos, foi que forçado pela vergonha do seu procedimento, o despotista enviou a estudarem na Europa alguns jovens.

O congresso aponna se reune de 10 em 10 annos somente para tratar da reeleição presidencial, sem que seja plicito a qualquer desses membros fazer a monar observação sobre a marcha e actos *del supremo gobierno*.

He prohibida a reunião ainda mesmo de tres pessoas, e por essa razão o illustrado padre Maiz, depois da morte do dictador D. Carlos, tendo formulado um projecto de constituição para o estado, que até hoje apenas o rege por um regulamento que marca as attribuições dos diferentes poderes publicos, procurou entender-se com seus amigos da cidade e de fora a este respeito convocando-os para reuniões em sua casa, e por isso foi repentinamente preso com todos elles, apoderando-se o tyranno de todos os seus papeis e de cartas de individuos de diversos pontos da Republica, que havia addido a idéa e que tambem forão todos prezos, perfazendo o numero dos encarcerados por tão frivolo motivo 300 homens e algumas senhoras, que ainda gozão nos carceres e nos ferros quando por alli passamos em Outubro de 1803.

Por mero capricho, ou desconfiança, se manda naquelle desgraçado paiz fuzilar um cidadão inoffensivo, como, para evitarmos repetições de exemplos, e não tornarmos-nos enfadonhos, citaremos entre outros o do desgraçado Espinola, que achando-se de visita em uma casa, foi d'alli arrancado, e sem processo fuzilado, mandando-se por escarneo conduzir o seu cadaver pela frente da morada de um nosso ministro, que mostrava distinguir aquelle infeliz manco, por descobrir nolle talvez qualidades distinctas e recommendaves.

Com receio de que se discuta e se descubra a cada momento o quadro horrendo das perversidades de Francisco, e do seu digno successor D. Carlos Lopes, uma lei existe que prohibe mesma conversar-se em referencia nos seus actos de vandalismo.

Jámais se vio em parte alguma semelhante excentricidade.

Ninguem deve receiar ou temer que de elogio das suas boas acções lhe possa resultar mal.

Este facto por si só prova que os proprios tyrannos soffrem horivelmente tormentosos remorsos pelos actos de despotismo que commettem.

Quem será capaz de recordar no Paraguay o acto do barbarismo de que foi victima o sabio naturalista Bom-

pland em 1827, por causa de seu amor á sciencia; o acto de pirataria contra o vapor explorador *Water-Witch* dos Estados-Unidos sobre o qual se fez fogo, e bem assim contra o vapor francez *Bisson* onde outra vez se achava Amado Bompland?

Qualquer idéa de civilisação e progresso, a não ser aquellas de que o mesmo governo se arvora dispensador, é recebida com execração por aquelle, cuja ferocidade excede a da hyena e a do tigre, em fazer jorrar o sangue de victimas innocentes.

Até o proprio D. Benigno, seu irmão, tem estado condemnado a viver pelos lozares desertos do paiz, porque as ideas que bebeu na Europa e no Brasil forão qualificadas como perigosas, sendo-lhe por isso quasi sempre vedada a estada em Assumpção.

Quando uma vez nesse simulacro de congresso que se reúne de vez em quando para fazer constar que consente na continuação do mesmo homem no governo, um membro, o Sr. Rivarola, se atreveu a levantar a voz sustentando a idéa de se dotar o paiz com uma constituição, enfurecido o tyranno pula sua ousadia, o desgraçou, prendendo-o, confiscando seus bens, desterrando-o, e mandando ao mesmo tempo assentar praça de soldado em seu filho D. Manoel Maria, que foi victima de todos os tormentos, e quem sabe se até esquarterado! Semelhante ao voraz lobo da fabula devora os filhos e netos por causa de suppostas culpas dos paes e avós.

Quando esse phantasmagorico congresso se reúne para fazer constar que approvava a verba testamentaria do fallecido tyranno, na qual constituia seu digno filho seu successor, um deputado, cremos que chamado Varella, levantou-se e declarou, que comquanto achasse S. Ex. no caso de bem governar o paiz, e de conduzi-lo ao apogéo de felicidade, contudo julgava conveniente fazer lembrar que no regulamento fundamental do paiz de 25 de Novembro de 1841, era claro que elle — "nunca jamás será el patrimonio de una persona ó de una familia."

Sabemos que esse deputado foi preso, posto mesmo a ferros, e ultimamente quando nos achamos no Paraguay

ninguém se atreveu a dizer-nos qual foi posteriormente o fim deste desgraçado. Depois soubermos que eramos constantemente vigiados por um espião, que sendo conhecido pelos do lugar, fazia com que todos se mostrassem reservados para conosco.

Não ha crime, não ha infamia que o dictador do Paraguay não se julgue com direito a commetter para saciar o seu malevoló desejo de perseguir, de confiscar e de assassinar. Os segredos das cartas são a cada momento violados por sua ordem, debaixo do pretexto de descobrir-se conspirações contra o governo. Seu genio malfazejo não tem paradeiro; e para elle é dia perdido, aquelle em que deixa de praticar um acto de crueldade.

Quando se achou de posse do vapor *Marques d'Olinda* qual foi o seu primeiro cuidado? Apoderar-se de todos os papeis e correspondencia que encontrou, porque com isso dava pasto a seu genio vingativo e jesuitico.

Sahedor de todas as ordens reservadas do nosso governo, não ha hoje conciliação possível sem quebra da nossa dignidade.

Quem sabe se o expediente de mandar elle subir sem demora pelo Paraguay cinco vapores com gente sufficiente para tomar Coimbra, Albuquerque e Corumbá, não lhe foi suggerido pela leitura deessa correspondencia, por meio da qual talvez conhecesse nossa fraqueza e o estado indefeizo da provincia de Matto-Grosso, visto que entre nós, infelizmente, muita cousa manda-se fazer só apparentemente?

Elle ameaça francamente o governo de Buenos-Ayres do transpôr, ainda contra sua vontade, a fronteira para nos fazer a guerra no Rio Grande, ou para proteger Montevideo. O seu semanario diz sem rebuço que ha uma alliança secreta entre Mitre e o governo do Brasil; em fundo isto patentea pouco caso dos recursos da Confederação.

Não é possível que Buenos-Ayres, que sabe por experiencia, quanto é oppressor e pesado o jugo de um tyranno, consinta na continuação dos padecimentos do povo Paraguaio — de um povo innocente que não soffre



porque quer, mas pela ignorancia completa de seus direitos.

Não é possível pois que Buenos-Ayres deixe de secundar as vistas do Brasil nessa cruzada santa que tem por fim libertar uma nação.

The first part of the book is devoted to a general  
 introduction of the subject, and to a description of  
 the various forms of the disease, and the  
 symptoms which attend it. The second part  
 contains a detailed account of the  
 history of the disease, and the progress  
 of it in different countries. The third  
 part is a treatise on the treatment of  
 the disease, and the various remedies  
 which have been used. The fourth part  
 is a collection of cases, and the  
 observations which have been made  
 on them. The fifth part is a  
 summary of the whole, and a  
 conclusion.

I  
 C  
 F  
 r  
 n  
 a  
 d  
 M  
 n  
 e  
 A  
 o  
 l  
 u  
 A  
 d  
 i

## SEGUNDA PARTE.

### CAPITULO II.

FUNDAÇÃO DE MIRANDA—PRIMEIRO ATAQUE DE COIMBRA  
PELOS PARAGUAYOS HESPAÑHOES EM 1801—SUA RETI-  
NADA—TOMADA DO FORTK DE S. JOSE' DO APFA.

Tendo em 1787 o general de Matto-Grosso recebido ordem da corte para fortificar as fronteiras da capitania, por ser natural que o choque das armas portuguezas e hespanholas se fizesse sentir nas suas colonias, fez elle recrutar avultado numero de dragões e pedestres, que marcharão por terra para a fronteira.

Era então commandante do presidio de Coimbra o ajudante Francisco Rodrigues do Prado, que teve ordem de S. Ex. para fundar na margem do rio Mondego, hoje Miranda, o presidio deste nome, sendo em seu lugar nomeado commandante de Coimbra e dos estabelecimentos do Paraguay o tenente coronel Ricardo Franco de Almeida Serra.

Em data do 28 de Agosto de 1801 participou este commandante ao general que os indios Guaycurús lhe haviam noticiado que no forte de Bourbon, hoje Olympo haviam sabido que D. Lazaro da Ribeira, governador em Assumpção, era alli esperado por ter de atacar o forte de Coimbra. O tenente coronel tratou de agradecer os indios não só para que se não tornassem hostis, como para

não venderem cavallos aos hespanhões, que muito alicetavão esta compra.

No dia 12 de Setembro, depois de ter pedido soccorro á villa de Guayabá, fez o commandante descer duas canoas com o fim de saber dos indios, que vivão proximos de Bourbon, qual o movimento dos hespanhões.

Em caminho, na bocca da Bahía negra, 10 leguas abaixo de Coimbra, forão as ditas canoas atacadas por mais de 20 canoas de indios Payaguás, com alguns hespanhões que gritavão para os nossos que se entregassem. Os portuguezes, apenas com sete tiros, fizerão afastar aquelles indios e hespanhões, retirando-se a salvo.

Isto sem duvida veio confirmar ao Tenente-Coronel de que seria proximamente atacado, occasiao esta em que o presidio se achava sem gente, sem armas e sem muniçimento de qualidade alguma, estado quasi igual ao que se achou sob o commando do tenente-coronel Porto-Carrero.

Quando se preparavão soccorros em Guayabá, prestando n'essa occasiao relevantes serviços o Dr. Juiz de fora Joaquim Ignacio Silveira da Motta, chegou alli aviao de Coimbra de que no dia 16 de Setembro òra aquella prezdio atacado por tres grandes sumacas hespanholas, que fizerão um terrivel fogo até a manhã de dia seguinte, e que como vissem que a nossa pequena artilharia os não podia offender na margem opposta do Paraguay, se passaram para o lado de cima do presidio a seo salvo.

Tudo se envidou então para soccorrer a fronteira.

Não havião armas, nem munições algumas de guerra nos armazens, não havião embarcações no porto, nem esperanças de apromptar com velocidade o soccorro.

A actividade porém do Juiz de fora Silveira da Motta, estando o general então na cidade de Matto-Grosso, removeu todas as difficuldades.

A pesar de doente foi pessoalmente por todas as casas dos moradores da villa descobrir armas, e deu ordens neste sentido para que fossem arrecadadas todas as espingardas que houvessem, deixando-se só as necessarias para guarda das fazendas e dos sitios dos assaltos dos urdiões e feras, reunindo ao mesmo tempo na casa de sua

residencia os melhores ferreiros para concertarem as qua de concerto necessitassem, sustentando-os a sua custa, e fazendo-os trabalhar dia e noite, empregando da mesma forma selheiros e carpinteiros em diferentes obras, em cujas officinas effectivamente se achava para promover o adiantamento dellas.

Deu positivas ordens para que os lavradores concorressem com os viveres precisos, e os lavradores correspondião a expectativa publica.

Officiou aos moradores da beira do rio Cuyabá que concorressem com as suas melhores canoas.

Pessoalmente compareceu nas lojas para comprar os generos que as circumstancias exigião pelo menor preço possivel, pagando tudo com pontualidade.

Convocou uma reunião do mestre de campo José Paes Falcão das Neves, o capitão-mor Antonio Luiz da Rocha, o ajudante Luiz Eller, e outros para deliberarem o que melhor se devia fazer em taes apuros.

Fôrão de opiniao que se fosse remettendo o que estivesse prompto em quanto se tratava de promptificar o mais e se esperava pelo general.

Logo depois chegou ordem sua para que o tenente coronel Candido Xavier de Almeida e Souza, que regressava para S. Paulo, fosse o incumbido de conduzir o soccorro, o que se cumpriu.

Tudo havia ficado subordinado a defesa da capitania, e a salvação della era a suprema lei.

A casa do juiz de fora se transformou em paiol de polvora, e cinquenta dragões se occupavão incessantemente em fazer cartuchos.

No dia 31 de Outubro fez-se a expedição dos primeiros soccorros, composta de quinze canoas e um bote com a força que havia (300 homens) tudo debaixo das ordens do tenente coronel Candido Xavier.

Chegão entretanto canoas de Coimbra com aviso do commandante do presidio Almeida Serra, de que depois do dia 16 de Setembro em que fora atacado pelos hespanhoes, que fizeram fogo até o dia 17, içarão bandeira branca, e d'entre muitos homens que se dirigirão em canoas para o lado do forte, sahira um conduzindo umas

carta de D. Lazaro da Ribeira, ao tenente coronel Ricardo Franco, do theor seguinte.

“ Ayer tarde tube la honra de contestar al fuego que V. S. me hizo, y habiendo reconocido en aquellas circunstancias que las fuerzas con que inmediatamente voy atacar esse fuerte son muy superiores á las de V. S. no puedo dejar de hacer ver en este momento que los vasallos de S. M. Catholica saben respetar las leyes de la humanidad, aun en medio de la misma guerra. Por tanto yo requero a V. S. se rienda prontamente a las armas de El-Rey my amo, pues de lo contrario el canon y la espada decidiran la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnicion todas las extremidades de la guerra, de cuyos estragos se verá libre si V. S. conviene con mi propuesta, contestando-me categoricamente en el termino de una ora.

A bordo de la sumaca Nuestra Señora del Carmen 17 de Septiembre 1801.—De V. S. su atento y reberente servidor.

Lazaro da Ribeira. S. comandante del fuerte de Coimbra.

Sendo esta carta entregue ao nosso commandante em chefe, e lida por elle, teve a resposta seguinte :

*Illm. e Exm. Sr.*

“ Tenho a honra de responder categoricamente a V. Ex. que a desigualdade de forças sempre foi um estímulo que animou os portuguezes, por isso mesmo a não desampararem os seus postos, e a defendel-os até as duas extremidades, ou de repellir o inimigo, ou a sepultarem-se de baixo das ruinas dos fortes que se lhes confiarão; e nesta resolução se achão todos os defensores d'este prezidio, que têm a honra de ver em frente a exelsa pessoa de V. Ex. a quem Deos guarde por muitos annos.

Coimbra, 17 de Setembro de 1801.

*Illm. e Exm. Sr. D. Lazaro da Ribeira. — Ricardo Franco d'Almeida Serra.*

Enasperado o animo de D. Lazaro com semelhante resposta, no dia seguinte 18, passou a parte de cima do forte parecendo querer desembarcar, mas repellido por incessante fogo de arcabuzes, e tendo perdido seto dos seus, tratou da retirada para a parte opposta do rio sem dar um tiro. A 19 passou para a parte debaixo do presidio, e d'ahi fez um terrivel fogo.

A 20 mandou uns soldados a horta tirar verduras, e outros a procura de porcos e gado, mas de uma umbocada, da ponta do matto, fez se lhes fogo, morrendo cinco, e ficando outros feridos, que a custo puderão safar-se.

Depois tratarão de nos fazer fogo compassadamente com a sua insignificante artilharia de calibre de 4, 6 e 8.

Ainda no dia 24 fizeram fogo contra o forte até a noite, em que começaram a retirada dizendo D. Lazaro que assim procedia porque a gente do forte era tão pouca, que não valia a pena batê-la, que voltaria para isso logo que se reunisse mais.

A perda do inimigo foi de 20 homens, sem que da parte do forte houvesse damno algum a excepção do encommodo.

Até hoje não se atreverão mais os do Paraguay a internarem-se pelo Matto Grosso, cabendo, depois de passados 64 annos, ao actual ambicioso, tyranno do Paraguay a desdita de fazer lembrar a retirada vergonhosa de D. Lazaro da Riheira, pela pratica de actos os mais vergonhosos neste seculo de luzes.

Nessa occasião os soldados de D. Lazaro subião a 600, e a guarnição do forte constava de 42 homens.

Então, como agora, a nós coube a gloria do combate, neste forte, e ao inimigo perda e vergonha.

Em desaffronta ao ataque feito por D. Lazaro ao forte de Coimbra em 16 de Setembro de 1801, marcharão para as fronteiras do Paraguay, além do rio Apa, o commandante do presidio de Miranda, tenente de dragões Francisco Rodrigues do Prado, e o alferes de milicias Francisco Xavier Pinto com 55 praças entre dragões, pedestres e milicianos.

Na vespera do dia 1º de Janeiro de 1802 passarão o

Rio e derão de assalto na madrugada desse dia no forte paraguayo S. José, hoje conhecido pelo nome de Bella Vista.

Este estava guarnecido com 106 soldados, além do commandante capitão D. João Cavalheiro e um alferes.

No assalto foi morto o commandante, 3 soldados, ficando muitos feridos, rendendo-se o resto.

Ao amanhecer, pela que tudo tinha sido obra de um momento, o commandante Prado mandou sepultar os mortos e curar os feridos recolhendo-os a uma casa.

Logo se apresentarão os indios Guaycurús com o proposito firme de fazerem pilhagem, que se verificou em arcabuzes, espadas, roupas, 400 cabeças de gado vacum e cavallar, sendo conduzidos para a nossa banda ao norte do Apa, duas peças de artilharia, uma de calibre tres, outra de um, e quarenta arcabuzes.

Depois disto mandou o commandante Prado demolir o forte, que foi mais tarde reconstruido — um alferes e seis soldados que o commandante julgou conveniente conduzir prisioneiros, forão mandados pôr em liberdade pelo general Caetano Pinto Miranda Montenegro.

No referido assalto só foi ferido levemente um soldado dos nossos.

Este foute d'armas torna bem patente: 1º que então, como hoje, os paraguayos não nos vencerão, porque agora encontrarão os pontos abandonados; 2º que já naquelle tempo seus dominios não se estendiao como inda hoje, além do Rio Apa, que com toda a justiça propuzêmos em 1856, para linha divisoria entre a Republica e a provincia de Matto-Grosso pela parte de Rio Paraguay.

O acto de pirataria praticado por ordem do actual presidente da Republica assim contra o vapor brasileiro *Marques de Olinda*, como contra o Forte de Coimbra, Albuquerque, Corumbá, Miranda e Nioack, tam levantado em todos os pontos do Imperio, onde ha chegado a surprehendente noticia, um brado unisono de indignação, que faz honra aos brios e patriotismo dos brasileiros, porque *vim si repellere licet*.



### CAPITULO III.

#### PRETENSÃO DO DESPOTA A EQUILIBRISTA DOS NEGÓCIOS DO RIO DA PRATA.

Tendo sido o unico cuidador do dictador D. Carlos militarizar a Republica desde 1841, encontrou o actual dictador D. Francisco Solano Lopes ao empossar-se das redens da tyrannia grande numero de homens em armas, e petrachos bellicos, que o fizeram acreditar que sua missão consistia em arvorar-se em supremo arbitro das questões sul-americanas.

Suas aspirações, aguladas pela sua ignorancia, tiveram origem desde que, em vida ainda de seu pai, servio de mediador entre Buenos-Ayres e Urquiza.

Ultimamente querendo arrogar-se o direito de iniciador e mantenedor da politica de equilibrio do Rio da Prata, sentio-se despeitado por não ter sido admittido como mediador nas questões pendentes entré o Imperio e o Estado Oriental, despeito que deixa bem patente em seu protesto de 30 de Agosto, na sua nota de 17 de Junho ao ministro brasileiro, e na de 30 de Agosto ao ministro Oriental, todas do anno passado.

Nesta nota ao ministro Oriental D. José Vasquez Sagastume, deixa ver o tyranno que sendo a salvação dos direitos e soberania do povo oriental, condição necessaria do equilibrio do Rio da Prata, elle esperava alcançar esse resultado *com sua acção independente*, isto é, atacando a provincia do Matto-Grosso, como se de semelhante maneira elle não concorresse directamente para lançar fóra da concha da balança o proprio Paraguay, quebrando o mesmo equilibrio, que elle tanto procurou sustentar.

Com effeito rompeu o regulo paraguayno suas hostilidades contra o Brasil aprisionando no dia 12 de Novembro do anno findo o vapor da companhia Brasileira de Navegação do Alto Paraguay, *Margara de Olinda* com todos os passageiros e cargas e a cujo respeito dou o *Semana-rio*, folha official d'Assumpção a noticia seguinte: No dia 12 do corrente, algumas leguas acima d'Assumpção, o va-

por de guerra nacional *Taquary*, intimou ao paquete brasileiro *Marques de Olinda* que voltasse a pròa, aguas abaixo, e, ainda que a seu pezar, cumpriu a ordem, e continua fundeado no porto da Bahia Negra sob a vigilancia da marinha nacional.

Deve-se notar que nesta noticia houve um embuste proprio do governo paraguayo, porque o porto da Bahia Negra está abaixo de Coimbra, em territorio exclusivamente brasileiro, e o vapor *Marques de Olinda* não havia passado ainda em frente da Villa da Conceição quando foi intimado a voltar.

Este facto proprio de um povo barbaço não tem exemplo na historia do direito das gentes, e original do Paraguay, como original é o seu anachoretico governo.

A que titulo este brusco rompimento para commoço?

A titulo de represalias? . . . mas com que fundamento? . . .

O exercicio deste direito entre as nações consiste em fazer sentir a nação inimiga, o mesmo camno que della se recebeu.

Mas qual o damno, qual a provocação recebida pelo Paraguay da nossa parte para nos insultar e injuriar de uma maneira nunca vista nos annos de direito das gentes?

Nos ensina Vattel que é obrigação da zelar pela sua segurança e pela sua gloria, correspondeo direito a qualquer nação de não tolerar injurias.

E se entre os Estados não ha juizes, nem arbitros communs para decidir de suas questões, ha necessidade de recorrer-se á força como unico meio de reparação.

E essa reparação deve ser proporcional a grandeza da affronta que recebemos, sob pena de nos aviltarmos.

E para isso todo aquelle em cujo peito palpitar coração brasileiro deve correr ás armas, sob pena de perdermos, como nação, a força moral perante as outras nações.

Ainda bem que o patriotismo do povo brasileiro, pela segunda vez, no espaço de dous annos, tem podido fazer convencer ao mundo de que elle morrerá, e se extinguirá, antes que se renda, na defeza de seus direitos, da sua honra e da integridade do sua patria.

#### CAPITULO IV.

ACTOS SUBSEQUENTES AO APRESIONAMENTO DO "MARQUEZ DE OLINDA," QUE É DECLARADO BOA PRESA.—NOTAS TROCADAS ENTRE NOSSO MINISTRO E O DO PARAGUAY: DECLARAÇÃO DE GUERRA.—RETIrada DO SR. SAUVAN.—ACTOS DE INQUALIFICAVEL BARBARISMO COM OS PRISIONEIROs.

O nosso ministro residente em Assumpção o Sr. Cezar Sauvan Vianna de Lima, em consequencia do noto inqualificavel do governo Paraguay, e da declaração *in contumacia* de guerra, pediu seus passaportes, mas negarão-lhe os meios de retirada por espaço de 14 dias, durante os quaes sua casa sempre esteve cercada.

Para que lhe proporcionassem os meios de retirada foi necessaria a intervenção do Sr. Washburn, ministro Americano.

O nosso ministro desceu para Buenos-Ayres onde chegou a 6 de Dezembro.

A correspondencia diplomatica trocada sobre este assumpto entre S. Ex. e o ministro das relações exteriores do Paraguay foi a seguinte:

" Ministerio de relações exteriores.—Assumpção, 12 de Novembro de 1864.—O abaixo assignado, ministro e secretario de estado de relações exteriores, recebeu ordem do Exm. Sr. presidente desta republica para dizer a V. Ex.

" Que apesar dessa legação na sua nota do 1º do Setembro proximo passado, em resposta á nota protesto desta ministerio de 30 de Agosto, ter affirmado que de certo nenhuma consideração faria retroceder o governo imperial na politica que adoptava para com o governo oriental, o abaixo assignado esperou sempre que a moderação do governo imperial e a consideração dos seus verdadeiros interesses, bem como os sentimentos de justiça que constitue a garantia da responsabilidade de todo o governo, influirião no seu animo para que, apreciando o exposto na citada nota de 30 de Agosto, adoptasse uma politica mais conforme aos interesses geraes e equilibrio

do Rio da Prata, como por si mesmo aconselhava tão grave situação.

“ Mas é com profunda pena que o governo do abaixo assignado vê que, longe de terem merecido attenção do governo imperial a sua moderação, as declarações officiaes de 30 de Agosto e a confirmação de 3 de Setembro respondeu elle com actos aggressivos e provocadores, occupando com forças imperiaes a villa de Mello, cabeça do departamento oriental do Serro Largo, a 18 do passado, sem prévia declaração de guerra, nem outro acto publico dos que prescreve o direito das gentes.

“ Este acto violento e assignalada falta de consideração que esta republica mereco ao governo imperial chamarão seriamente a attenção do governo do abaixo assignado sobre as suas ultteriores consequencias, sobre a lealdade da politica do governo imperial, e sobre o seu respeito pela integridade desta republica, tão pouco recommendada já pelas continuas e clandestinas usurpações dos seus territorios, e poem o governo nacional no indeclinavel dever de lançar mão dos meios reservados no seu protesto de 30 de Agosto, da maneira que julgar mais propria para conseguir os fins que motivarão aquella declaração, usando assim do direito que lhe assiste para impedir os funestos effeitos da politica do governo imperial, que ameaça não só deslocar o equilibrio dos estados do Prata, mas tambem atacar os maiores interesses e a segurança da republica do Paragay.

“ Em consequencia de uma provocação tão directa, devo declarar a V. Ex. que ficão rotas as relações entre este governo e o de Sua Magestade o Imperador, fechada a navegação das aguas da republica á bandeira de guerra e mercante do imperio do Brasil, debaixo de qualquer pretexto ou denominação que seja, e franqueada a navegação do rio Paraguay para o commercio da provincia brasileira do Mato-Grosso á bandeira mercante de todas as nações amigas, com as reservas autorisadas pelo direito das gentes.

Aproveito a occasião para reiterar a V. Ex. os protestos da minha consideração e estima.—*José Beryon*.—A

S. Ex. o Sr. Cezar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de Sua Magestade o Imperador do Brasil etc.

“ Legação imperial do Brasil.— Assumpção, 18 de Novembro de 1864.— Neste instante, 8 horas da manhã, fui informado de que o paquete brasileiro *Marques de Olinda*, sahido deste porto para Matto-Grosso ante-hontem ás 2 horas da tarde, levando a seu bordo o Sr. presidente nomeado para aquella provincia, se acha desde esta madrugada ancorado no porto da Assumpção e debaixo das baterias do vapor de guerra paraguay *Tacuari*.

“ Não se tendo o commandante do dito paquete apresentado nesta legação, para explicar o motivo da sua inesperada volta, devo suppôr fundadas as noticias que aqui correm de ter aquelle vapor brasileiro sido perseguido e detido pelo *Tacuari* que largou desta ancoradouro poucas horas depois do *Marques de Olinda*, e achar-se actualmte incommunicavel com a terra.

“ Em taes circumstancias, dirijo-me immediatamente a V. Ex., pedindo-lhe explicações sobre o facto grave que acabo de expôr.

“ Reitero a V. Ex., etc.— *Cezar Sauvan Vianna de Lima*.— A S. Ex. o Sr. D. José Berges, ministro e secretario de estado das relações exteriores da Republica do Paraguay. ”

“ Ministerio das relações exteriores. Assumpção, 14 de Novembro de 1864.— Acabo de tomar conhecimento da nota que V. Ex. tinha feito entregar nesta repartição hontem, domingo, com a data do dia, pedindo explicações sobre a detenção do paquete brasileiro *Marques de Olinda*, que tendo sahido deste porto para Matto-Grosso na tarde de 11, se achava de volta desde a madrugada de hontem, ancorado debaixo das baterias do vapor *Tacuari*.

“ Tenho por escusado toda a explicação sobre este assumpto, visto dever V. Ex. achal-a na nota que já tive a honra de dirigir a essa legação a 12 da corrente.

“ Aproveita esta occasião, etc.— *José Berges*.— A S. Ex. o Sr. Cezar Sauvan Vianna de Lima, etc. ”

- Legação imperial do Brasil.— Assumpção, 14 de Novembro de 1864.—Sr. ministro.— Hontem a noite chegou-me ás mãos a nota de V. Ex., datada do dia anterior, communicando-me que recebera ordem do Exm. Sr. presidente da republica para declarar-me, que, em consequencia de não haver sido atendido pelo meu governo o protesto contido na nota de V. Ex. de 30 de Agosto ultimo contra a entrada de forças imperiaes no Estado Oriental, ficavão interrompidas as relações entre os dous governos, e impedida a navegação nas aguas desta republica para a bandeira de guerra e mercante do imperio, sob qualquer pretexto ou denominação que seja.

" E' sem duvida devido a esta grave revolução do governo de que V. Ex. faz parte, o acto de violencia committido sobre o paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que se dirigia para Corumbá, levando a seu bordo o Sr. presidente novamente nomeado para a provincia de Matto-Grosso, acto sobre o qual me apressei hontem mesmo a pedir a V. Ex. explicações que inda não recebi, continuando o commandante, passageiros e tripolação do paquete a permanecer detidos e incomunicaveis com a terra.

- Ante este estado de cousas, precicndo de discutir as considerações com que V. Ex. acompaña a sua communicação, e limito-me a protestar do modo mais solemne, em nome do governo de Sua Magestade o Imperador, contra o acto de hostilidade praticado em plena paz contra o referido paquete *Marquez de Olinda*, em violação do que foi convencionado entre os paizes ácerca do transitto fluvial, e desde ia resalvo os direitos da companhia de navegação do Alto Paraguay pelas perdas e danos que o dito paquete soffra e venha a soffrer em suas viagens, em consequencia da decisão tomada pelo governo da republica.

\* Tendo, portanto de retirar-me quanto antes desta capital, peço a V. Ex. sirva-se mandar-me os passaportes para mim, minha familia, o secretario da legação e comitiva, além do poder seguir viagem no paquete *Marquez de Olinda*.

" Reitero a V. Ex. as expressões da minha distinta consideração.— *Cesar Sauvan Vianna de Lima*.—Ao Sr. D. José Berges, ministro e secretario do estado das relações exteriores da Republica do Paraguay. "

- Ministerio das relações exteriores.— Assumpção, 14 do Novembro de 1864.— Reccebi a nota que em resposta á deste ministerio de 12 do corrente, V. Ex. me fez a honra de dirigir com data de hontem, protestando contra a detenção do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, a respeito da qual havia pedido explicações, que diz não ter recebido; attribuindo o acto á annunciada resolução do meu governo e pedindo passaporte para retirar-se quanto antes desta capital com o pessoal da legação.

" Se ao fechar a nota a que alludo V. Ex. não tinha recebido a minha resposta á nota no dia 13, em que pedia explicações, te-la-ha recebido immediatamente depois, e por ella se terá informado V. Ex. da que não se illudio, attribuindo a detenção do *Marquez de Olinda* á minha nota de 12 do corrente.

" Junto tenho a honra de enviar a V. Ex. o passaporte que solicita para retirar-se quanto antes desta capital com sua familia, o secretario da legação e sua comitiva.

" Aproveito esta occasião para renovar a V. Ex. a expressão de minha distinta consideração.—*José Berges*.—A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de Sua Magestade o Imperador do Brazil, etc. "

" *Circular*.—Ministerio das relações exteriores.— Assumpção, 17 de Novembro de 1864.—O abaixo assignado, ministro e secretario do estado das relações exteriores recebeu ordens do Exm. Sr. presidente da republica para transmittir ao conhecimento de V. Ex. que, tendo-se verificado a 12 de Outubro proximo passado a invasão e occupação do territorio oriental do Uruguay pela vanguarda do exercito imperial do Brazil, sob o commando do brigadeiro Menna Barreto, e realisando-se assim o caso previsto do solemne protesto de 30 de Agosto ultimo, consequente com aquella declaração e a de 3 de Setembro, o abaixo assignado dirigiu a S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de

Sua Magestade o Imperador, nesta capital, a resolução que V. Ex. achará na cópia junta debaixo do n. 1 e a resposta debaixo do n. 2.

“ O abaixo assignado lisongea-se de que os principios da livre navegação e commercio licito para a provincia de Matto-Grosso, em favor das bandeiras amigas, quererá V. Ex. vér a manifestação do vivo desejo que o seu governo tem de circumscrever quando d'elle depender os males da guerra nas praticas das nações mais civiliaadas, evitando prejuizos aos nacionaes de governos amigos que tenham interesses naquella provincia brasileira.

“ O abaixo assignado aproveita esta occasiao para reiterar a V. Ex. a segurança de sua alta consideração e estima.—*José Borges.*”

Tendo o vapor *Marques de Olinda* em seu poder, derão-se por parte do tyranno alguns actos que demonstrão quite de brutalidade e maldadeza.

Achando-se o vapor no porto de Assumpção foram introduzidos a bordo homens armados de rifles.

No dia 15 de Novembro foram a bordo tres officiaes e dous paizanos para examinar o livro e os papeis do navio, os quaes com toda a correspondencia e 400 contos em dinheiro que se remettia para as despezas da Provincia de Matto-Grosso, foram conduzidos para terra, e d'alu para o palacio do dictador.

Apoderarão-se logo da machina do vapor.

No dia 16 passarão a examinar minuciosamente toda a bagagem dos passageiros e carga do navio, osame que se extendem até as equipagens da tripolação e ao carvão.

Os passageiros constarão do presidente nomeado para Matto-Grosso, o deputado pela provincia Jo Ilie de Janeiro, coronel Frederico Carneiro de Campos, e de alguns officiaes do exercito e marinha brasileira.

Puzeram em liberdade o negociante brasileira Antonio Maria Leite Pereira, o italiano Antonio Canali e o machinista do vapor Guilherme Stephens.

Os outros passageiros ficarão presos e incommunica-veis, sendo desapiedadamente maltratados.

O *Marques de Olinda* sendo declarado boa presa por



um tribunal *ad hoc*, foi mandado armar em guerra, e os ditos passageiros serão conduzidos para uma enxovia no quartel da cavallaria, e alli encerrados em um estreito quarto escuro, tendo por assento e por leito os immundos tijollos que lho servem de ladrilho. A tal ponto havia o imperio da paixão, aguçado por um odio entranhavel, suffocado os dictames da razão do despota saubudo.

E como se este martyrio não bastasse, a agua que lhes davão a beber era pessima, o alimento, calculadamente do peor, sendo tudo cuidadosamente revistado a entrada da prisão; enfim pôde-se contar como certo que pelo menos alguns dos nossos compatriotas morrerão a mingua, e ralados pelos desgostos que não os terao abandonado. Ultimamente se havia resolvido fazel-os internar, pelo paiz para que fim só Deus o sabe.

Ah! quantas vezes dessas infamias memoras os seus pensamentos não chegarão até nós, não pairarão sobre os recursos de que podemos dispor e que tardiamente lhes poderão valler pelas difficuldades da communicacões?

E será possível que esse tyranno, que esse assassino, que esse despota oppressor de uma nação inteira deixe de soffrer ignaes supplicios?

Não, tarde ou cedo lá chegaremos, e do chôco das nossas armas civilizadoras partirá a faísca electrica que fará volatilizar as cadeas de aço que esoravixão um povo inteiro; um povo, que nunca nos encanou e que fazendo-nos justiça, nunca nos encarará como inimigos.

## CAPITULO V.

EXPEDIÇÕES PARA A TOMADA DE SORPREZA DE ALGUNS PONTOS DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO — PROCLAMAÇÃO — REVELAÇÃO DE SEU VERDADEIRO INTENTO — BOMBARDEAMENTO E ASSALTO DE COIMBRA — BRILHANTE FEITO D'ARMAS.

Não satisfeito com o acto de pirataria praticado contra o Brasil pelo aprisionamento do vapor *Marquez de*

*Olanda*, a terra paraguaya, ordenou no dia 15 de Dezembro, que largassem de Assumpção os vapores da guerra *Tacuary*, *Paraguaya*, *Imarey*, *Rio Branco* e *Ipora*, rebocando tres goletas e duas lanchas canhoneiras, conduzindo a infantaria e artilharia dos corpos compostos de quatro batalhões de infantaria com 800 homens cada um, 12 peças raiadas e foguetes a congreve de 24.

Esta expedição ao mando do coronel Barrica, recebeu na Conceição mais 1,000 homens de cavallaria.

Outro exercito de 5 a 6 mil homens pela maior parte de cavallaria seguiu por terra ao mando do traiçoeiro coronel Resquin, em direitura á villa de Miranda e a colonia militar dos Dourados.

Aos dous exercitos que subirão para Matto-Grosso dirigira o dictador a seguinte proclamação:

“ Soldados.— Forao estereis os meus esforços para manter a paz. O Imperio do Brasil, mal conhecendo o nosso valor e enthusiasmo, provoca-os á guerra; a honra, a dignidade nacional, e a conservação dos mais caros direitos nos mandão accital-a.

— Em recompensa da vossa lealdade e grandes serviços, fixei sobre vós minha attenção escolhendo-vos, entre as numerosas legiões que formão os exercitos da Republica, para que sejnes os primeiros a dar uma prova da valentia das nossas armas, recolhendo os primeiros louros que devemos reunir nos que os nossos maiores puzerão na corda da patria, nos memoraveis dias de Paraguay e Tacuary.

— A vossa subordinação, disciplina e constancia nas fadigas me respondem pela vossa bravura, e brilho das armas, que no vosso valor confio.

“ Soldados e marinheiros.— Levai este voto de confiança nos vossos companheiros, que das nossas fronteiras do Norte hão de se vos reunir; marchai serenos no campo da honra; recolhei gloria para a patria e honra para vós e vossos companheiros; mostrai ao mundo quanto vale o soldado paraguayo.— *Francisco Solano Lopez.* ”

Em relação ao primeiro topico da proclamação perguntaremos quaes serão esses esforços estereis por elle empregados para manter a paz, que por nós fossem desatendidos ou desprezados?

É que o tyranno tem traduzido os actos de nossa generosidade, como nação mais poderosa, em demonstrações de fraqueza da nossa parte, ou pelo menos de uma reprovada indolencia.

Se o valor e enthusiasmo paraguayos serão por nós desconhecidos, porque nunca lho prestamos attenção, disse uma verdade, por ser sempre perigoso deixar que um louco esteja junto a nós armado apregoando valentia, sem o desarmarmos, e darmos-lho o destino conveniente; portanto o Brazil nunca desconheceu o valor e enthusiasmo paraguayos, o que porém desconhecia era que o seu dictador padecesse de alienação mental, e que fosse incapaz e indigno de ser nosso vizinho, e de ter debaixo de sua direcção um povo docil.

Se inda diz que desconhecemos esse valor e enthusiasmo, porque fomos os proprios que lho demos armas, disse outra verdade, porque em 1830 remettemos por terra grande porção de armamento, que chegando ao porto do Piquiry em Matto-Grosso, deaceu embarcado a sabir no S. Laurencço, e d'este ao Cuyabá, de onde seguiu para o seu destino—além de lho prestarmos outros auxilios e officiaes para disciplinarom o seu exercito.

Hoje está revelado que um dos principaes fins do governo paraguayos no rompimento das hostilidades contra a provincia do Matto-Grosso, não é tanto o deajo de manter o equilibrio politico do Rio da Prata do que se mostrou tão zeloso em sua nota de 30 de Agosto, como apoderar-se e espaçosos territorios, aos quaes se julga com direito naquella provincia, porquanto no seu entender, desde o tempo do governo colonial, o Brazil tem tratado de usurpal-os pouco a pouco e clandestinamente, segunda se lê no *Semanario*, folha official no Paraguay, do dia 31 de Dezembro ultimo.

Já vimos que no dia 15 de Dezembro subirão seus vapores de guerra, já reforidos, com gente e munições sufficientes para atacar os pontos indefesos da provi-

ria, e que por terra seguira o coronel Francisco Resquin a testa de 5 a 6 mil homens pela maior parte de cavalaria.

Os vapores chegaram ao nosso forte de Coimbra a 26 do dito mez. A 27 e 28 bombardearão-o, e tentarão um assalto, que os nossos soldados, e alguns guaycurú repellirão com perda consideravel dos assaltantes em numero superior a 600.

A 29 a sua guarnição de 200 homens mais ou menos, commandada pelo tenente-coronel Porto Carreiro, tratou de abandonar o forte sem que esperasse pelo socorro que se havia pedido pelo vapor *Jaurú* a Corumbá, por serem alguns officiaes de parecer que era impossivel continuar a sustental-o em vista de cinco vapores de guerra inimigos completamente armados e de 4,200 homens, sem que entretanto tivassemos perdido um só homem.

A nossa gente subiu rio acima na pequena canhoneira *Ankambaly*, que pela pericia do seu commandante, retirou-se a salvo, mas o Sr. Porto Carreiro encontrou abaixo de Alhuquerquo com o socorro pedido; e tambem com o commandante da esquadilha que devia.

O denodo e bravura com que se portara essa punhado de brasileiros na defesa de Coimbra nos dois primeiros dias, deprehendeu-se da parte do proprio Vicente Barroas, commandante da expedição, ao ministro da guerra paraguayo, que e a seguinte:

" Viva a republica do Paraguay! Viva o Exm. Sr. presidente da Republica e general em chefe do seu exercito! Viva a divisão de operações do norte! Honra e gloria aos valentes defensores da patria! Viva a republica do Paraguay!

" Sr. ministro.—Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. o resultado das operações feitas pela força sob meu commando em cumprimento da commissão que me confiou o Sr. presidente da republica.

" Apox uma rapida e feliz viagem fundeei a expedição em frente de Coimbra na noite de 28 do corrente, e immediatamente mandei desembarcar parte da força sob meu commando na margem esquerda de Rio Paraguay na distancia de uma legua debaixo do forte, dahi man-

del  
de p  
vers  
do a  
dino  
—  
no q  
ludo  
—  
pud  
com  
do  
ção  
ção r  
—  
Cain  
to pe  
prima  
o vo  
logo  
frald  
diffic  
com  
sigla  
—  
lento  
de 2  
ardo  
que i  
tente  
rapi  
sua a  
do ca  
dy a  
sóda  
grau  
pa. 3  
salar  
quilo

dei proceder ao reconhecimento do terreno, occupando as posições estrategicas muito importantes que devião servir de ponto de operações á divisão expedicionaria, e de onde podia bombardear com vantagem, esperando desalojar a guarnição do forte.

“ O vapor de guerra *Anhabahy* e outro mais pequeno que seguiu no mesmo dia rio acima estava em posição e collocando-se depois sob a protecção do forte contribuiu poderosamente para a sua defesa.

“ Effectuados todos os preparativos necessarios despachei um official parlamentar a fim de entregar ao commandante do forte a intimação de render-se, que tenho a honra de enviar por cópia a V. Ex. Esta intimação teve do dito commandante a resposta cuja traducção tambem addito.

“ Depois da negativa do commandante do forte de Coimbra cumpria-me appellar para as armas, e com effeito perto das 11 horas do dia mandei romper o fogo. No principio só as duas canhoas maiores sustentáram o combate contra as baterias inimigas, mas tomáram logo parte nelle as peças volantes, cuja collocação na fralda do serro fronteiro a Coimbra apresentava alguma difficuldade, e que bem assestadas fizeram algum effeito com os seus tiros acertados na fortaleza e na guarnição.

“ Ao segundo dia do bombardeamento julgei opportuno fazer uma tentativa de assalto, o qual se effectuou ás 2 horas da tarde do dia 28 do corrente, com mais ardor do que a prudencia aconselhava. Parte da força que occupava a fralda do serro de Coimbra, sob o commando do sargento-mór cidadão Luiz Gonzales, avançou rapidamente até ás muralhas do forte por sendas diversas abertas debaixo do mais decidido fogo da artilharia do mesmo forte, por todas as peças que batem as faldas do serro. Ao approximarem-se da muralha, os nossos soldados receberam uma torrente de ballas, metralhas e granadas, procedente tanto do forte como do vapor inimigo. Mas os paraguayos, conservando sempre a sua serenidade, e com uma decisão e arrojo admiraveis, avançarão sempre, mesmo por cima daquellas dos seus com-

panheiros de armas que primeiro verterão o seu sangue para sustentar os direitos da patria. Muitos conseguirão nasim trepar as altas muralhas do forte, sendo quasi invariavelmente rechnçados á ponta do bayoneta ou victimas das grandadas que cahião ao pé da muralha.

“ O assalto foi executado com toda a velocidade que as ordenanças recommendão, porém em vista das grandes difficuldades que lhes impediu o passo, tanto por parte dos defensores do forte, como pela natureza desvantajosa do terreno, retirarão os nossos dobrando sobre a reserva levando consigo a maior parte dos feridos.

“ Nesta jornada distinguio-se o benemerito sub-tenente da 1.<sup>a</sup> classe da oitava companhia do batalhão n. 6, cidadão João Thomaz Rivaz, que dando um grande exemplo á sua companhia foi o primeiro que pisando sobre os cadaveres dos seus companheiros, conseguiu trepar acima da muralha por duas vezes, sendo repellido na primeira, e cahindo na segunda ferido por uma balle na cabeça para augmentar o numero dos que com os seus gloriosos restos esclavão já a raiz da muralha. Este digno official da patria cahio heroicamento das altas muralhas de Coimbra deixando um assignalaco exemplo aos seus companheiros pela sua decisão, serenidade e bravura.

“ O sub-tenente segundo do batalhão n. 7, cidadão Lopez, não cahio menos gloriosamente ferido por um casco de bomba, conduzindo ás muralhas a companhia do seu commando, a cuja frente marchou até que lhe faltáram as forças.

“ Durante a séria ameaça do ulferes Rivaz conseguirão escalar e penetrar na praça por um dos flancos o sargento Laureano Sanobria e sete praças da companhia que o batalhão n. 7, tinha alli de serviço e pelejando corpo a corpo até ficarem todos fóra do combate, mortos ou feridos, á excepção do soldado Pedro Castellano, a quem no descer da muralha conseguirão desarmar e aprisionar sem ferimento.

“ Pelo que se vê, a fortaleza era sustentavel, mas podendo emprehender-se com esperanças outro assalto com os conhecimentos adqueridos na primeira tentativa

e exemplo de ter podido assaltar as muralhas o sargento Sanabria e os seus valentes companheiros, tomei as medidas necessarias para o dia seguinte, sendo uma dellas fazer com que as peças de campanha postadas á esquerda do rio, as ordens do capitão Almiron tomassem uma posição mais conveniente para impossibilitar os fogos da *Ankambahy*, cortando-lhe a retirada para que não pudesse escapar; porém a guarnição do forte, dando por estes movimentos, o tremendo ante a idéa de um assalto mais meditado com o conhecimento que tinha adquirido da intrepidez dos nossos soldados aproveitando-se da escuridão da noite e o abrigo das brenhas, fugio precipitadamente a amparar-se no vapor *Ankambahy*, para escapar rio acima, levando o já citado Pedro Castellano, deixando um ferido de sua nação. Até aqui o tenente coronel Porto Carrero tinha feita boa defeza da inexpugnável fortaleza que commandava.

“ Depois da fuga da guarnição sem daviça receiosa dos ataques projectados para o dia seguinte, a fortaleza foi occupada pela guarnição que lhe ficava mais proxima e desde o dia de hontem a bandeira nacional tremula nas muralhas de Coimbra, que cahio em nosso poder com 37 peças de artilharia, a sua bandeira e o estandarte da guarnição e muitas centenas de armas portateis de todas as classes, com um parque immenso, viveres, roupa feita e de uso, hem como outros objectos, que se sejam botica, serviço de oratorio, uniformes de officiaes condecorações, etc.

“ Não é possível, Sr. ministro dizer a V. Ex. o numero nem classe dos mortos que o inimigo teve, porquanto foram lançados ao rio porém pelos rastos do sangue encontrados e projectis que fizeram explosão, esse numero não deve ser insignificante.

“ Pelo que diz respeito aos nossos, não tivemos na classe de officiaes maior perda do que a dos valentes que já nomeei, e as praças constantes da lista junta, cujo numero considero diminuto levando em conta que os nossos soldados combatiam contra inimigos abrigados com completa vantagem por muralhas, e que a sua inoquet-

ria era incrível para os novos soldados, fazendo logo a coberto dos parapetos.

" Como S. Ex. observará pela lista de feridos que tenho a honra de remetter, nesta classe se encontram o sargento-mór cidadão Luiz Gonzalez, os sub-tenentes segundinos cidadãos Manoel Nunes e Plácido Mendes não sendo até agora de caracter grave as suas feridas. O major Gonzalez, sustentou bem o posto que lhe foi confiado.

" Devo felicitar ao Exm. Sr. presidente da Republica e a patria pelo brilhante comportamento das tropas do meu commando em Coimbra, porque a resistencia de uma fortaleza de seculos provou tão vantajosamente o brio dos soldados da patria.

" Amanhã encelarei as minhas operações contra Albuquerque e Corumbá, onde espero encontrar os fugitivos desta forte.

" Deos guarde a V. Ex. muitos annos. Fortaleza de Coimbra, 30 de Dezembro de 1864.— *Vicente Barrios.*"

### CAPITULO VI.

ALBUQUERQUE E CORUMBÁ — ATROCIDADES E FORTES — MIRANDA, NEOACK, DOURADOS — COMRTE DO VAIOR " ANHAMBÁ " NO RIO S. LOURENÇO — REQUINTE DE INOCIDADE — NOTA DO SR. CONSELHEIRO PARANHOS, QUE É O " FIAT LUX " A RESPEITO DO PROCEDIMENTO DO GOVERNO PARAGUAYO.

Esta expedição, ás ordens do coronel Barrios, com effeito, seguiu, aguas acima, até que se apoderasse de Albuquerque e Corumbá.

O vapor inglez *Ranger*, que subira até este ultimo ponto, desceu trazendo noticias que confirmão a idéa de que o governo actual do Paraguay é indigno de existir neste seculo de luzes, porque sabe-se que o soldado paraguayano, é um mero escravo que só faz o que se lhe ordenna, e por consequencia as barbaridades inacreditaveis commettidas contra uma povoação indólesa, e con-



tra habitantes que fugião, são de pura responsabilidade do regulo de Assumpção.

Uma testemunha do vista, passageiro do vapor *Ranger* o Sr. Zozimo Ferreira Guimarães, noticia os successos de Corumbá pela maneira seguinte:

" Corumbá foi tomada. Os estrangeiros alli residentes achão-se entregues aos seus proprios recursos e sem garantia de especie alguma.

" A escuna *Jacobina*, de nacionalidade argentina e propriedade do italiano Santiago de Lucchi, patrão da mesma, estando carregada com 2,000 couros secos, forão estes lançados ao rio, e o navio declarado presa por ordem do commandante da expedição; derão por muito favor a liberdade á tripolação, menos a quatro homens, cujo destino se ignora.

" Dias antes havia chegado a noticia da tomada de Miranda e Neock por 7,000 homens de cavallaria, que marcharão por terra.

" O vapor *Ranger* é portador de uma representação ao ministro italiano Sr. Barbolani, residente em Montevideo, na qual os habitantes estrangeiros de Corumbá expõem a sua situação, reclamando séria e prompta reparação.

" A expedição que se apodara de Coimbra, Albuquerque, Corumbá e Dourados conta 4,000 homens de infantaria e artilharia, e ahi consta que essa torça pretende fazer-se sentir e apoderar-se de Villa-Maria e Cuyabá, que é a capital da provincia de Matto-Grosso.

" Quanto á primeira, não será de estranhar, porque é uma povoaçãozinha á beira do rio, sem importancia e sem a minima defesa; pelo que respeito, porém, á capital, fazemos votos para que os vandalos paraguayos tentem a empresa de atacal-a, porque estamos certos que alli acharão a sua perdição.

" No dia 11 o vapor *Ranger* encontrou o vapor *Paraguay* na altura do forte Olympia, conduzindo gado e viveres para os expedicionarios.

" A 14 chegou o *Yporá* á Assumpção, e por elle soube-se que, no ataque de S. Lourenço contra o *Anham-*

*Ischy*, o vapor paraguayo perdeu o cano e soffres grandes avarias nas caixas das rodas, perdendo de mais o segundo em commando no acto da abordagem.

— A tripolação do *Yporá* ao chegar em Assumpção repartio grande quantidade de generos, roupa e muitos outros objectos, producto dos seus roubos em Corumbá.

— O commandante desse vapor, Andrés Herberos, tem em seu poder uma caixa de madeira cheia de achados de todas as especies, e constituo uma delicada fortuna adquirida á pampa.

— A bordo deste mesmo vaso está á vista do publico uma corda contendo grande quantidade de orelhas humanas postas a secar, as quaes pertencem á infeliz tripolação do *Anhambuly*.

— Com a noticia do triumpho das armas paraguayas em Matto-Grosso tem havido em Assumpção grandes festas populares, bailes e toda a casta de regoijos.

— Quando o *Ranger* devia partir de Assumpção para Corumbá, o governo daquella republica, sob pretexto de communicações officinaes e garantia ao vapor, mandou como passageiros o sub-tenente Julian Godoy e um assistente para a expedição.

— Este official foi recebido a bordo como era devido, notando-se que a sua bagagem se compunha de uma mala pequena e um sacco com officios.

— Durante a viagem, apesar da dissimulação, deixava perceber em conversas que tinha com os officiaes e tripolação o fim da sua missão, que era espiar tudo quanto devia passar-se a bordo da referida embarcação.

— Chegou o vapor a Corumbá, e quando regressámos a Assumpção tivemos que recolher o mesmo passageiro, com differença que na volta a sua equipagem era extraordinaria, compondo-se de tres malas carregadas de sapatos, generos, chapéos e outros artigos de louça e crystal, e além disto dous ou tres saccos cujo conteúdo não foi passivel de descobrir-se.

— O roubo feito em Corumbá chegou até a Igreja, cujos sinos se achão hoje na Assumpção.

— Como se parecem os paraguayos com os Lomens do Cerrito!

Assim que chegou a Corumbá, e antes de começar o saque, sabendo Barrios que os dous vapores de guerra brasileiros *Jaurá*, *Anhambahy*, o navio *Jacobina* de propriedade argentina haviam subido no dia 2 com muitas familias e passageiros; despachou logo no dia 4 os vapores *Ipóra* e *Rio Apa* ao alcance daquelles que subião o rio S. Lourenço.

Despoito milhas acima da povoação encontrou Andres Ferreros, commandante do *Ipóra*, o *Jacobina* atracado a beira do rio, sem tripolação, do qual se apoderou.

Não tardou para que o *Anhambahy*, que por certo se demorára por haver encalhado, fosse alcançado pelos dous vapores inimigos. Como se sabe conduzia o *Anhambahy* negociantes e familias que se retiravão de Corumbá.

A despeito da superioridade das forças paraguayas o combate se travou, sustentando o nosso pequeno vapor um fogo continuado por espaço de seis leguas.

O *Ipóra*, sendo de maior força conseguiu aproximar-se tanto da canhoneira que esforçou-se por tomal-a por abordagem.

Na impossibilidade de resistir, o commandante lembrou-se de fazer desembarcar os passageiros, que atemorizados, e advinhando os horrores por que terião de passar, lançarão-se muitos ao rio onde forão barbaramente assassinados a queima roupa pela fuzilaria do *Ipóra*.

Incrível sanha do barbarismo, que nò poderia ser correspondido fazendo-se mergulhar a cabeça do selvagem em uma taça cheia de sangue, e exclamando-se como fez Tomyres, reiua das Scythas com a de Cyro. "Furta-te de sangue depois de morto, já que em vida nunca te saciaste".

Apezar desta carnificina, sete cahirão em poder do inimigo.

As familias que havião desembarcado forão quazi todas victimas, umas afogando-se no rio, e outras no tremedal que borda em grande extensão o Rio S. Lourenço, no qual já nós vimos em 1863, ao quermos desembarcar para a fazenda do Sr. José Custano Metollo. em grandes apuros, por nos parecer que a terra se nos

nbria debaixo dos pés, sendo então o tempo mais favorável, por não haver inundação.

Uma força de 1000 homens se havia desembarcado em Curumbá, sob o commando do salteador Goroutiaga, apellidado capitão.

Por sua ordem rompeu o saque na villa. Todas as casas foram arrombadas e roubadas, sendo conduzido tudo quanto n'ellas encontrávão para o acampamento, onde em presença do mandante se repartiu o roubo, reservando-se o que havia de mais delicado e precioso para o chefe da quadrilha em Assumpção, o malvado Lopes. O Exm. Sr. barão de Villa Maria, que tinha ali uma grande casa de negocio, e um importante deposito de generos de sua lavoura foi sem duvida quem mais soffreu.

Os estrangeiros tambem soffrerão horriavelmente, apesar de querearem cubrir suas casas e propriedades com a bandeira de sua nação.

O portuguez Manoel de tal, os italianos Manoel Bianchi, Manoel Cavaza e V. Solari, o norte-americano Carlos Clark e o francez Julio Amardeil foram victimas cruéis da sanha paraguaya, e sobre as casas brasileiras saqueadas deixávão um enorme —B.

O espirito vertiginoso de pillagem que apresentávão, roubando indistinctamente a brasileiros e estrangeiros, prova que o soldado paraguayo é levado ao combate antes pelo reprovado intento do roubo e do saque, do que pelo impulso de patriotismo, por ser o soldado paraguayo em geral um ente abjecto, servil e sem a menor illura de dignidade.

Antes de irmos adiante apresentaremos as duas partes do Barrios e Resquin, sobre suas *celebres victorias* de Albuquerque, Corumbá, Miranda e Neosack.

— Viva a Republica do Paraguay.— Sr. ministro.— Tenho a honra de participar a V. Ex. que se achão em nosso poder Albuquerque e Curumbá.

— O pavilhão nacional tremula nesta ultima, desde 3 do corrente, dia da minha chegada.

— A população brasileira e guarnição destes pontos tihão-se retirado antes da nossa chegada por noticias

tra-  
neg.  
—  
uma  
tada  
sem  
—  
por-  
pelo  
—  
do-  
—  
muni-  
Tepo  
osag  
do-  
Andr  
com-  
—  
quar-  
tem, r  
—  
a sua  
betas  
tossa  
— I  
do se  
vapor  
citas  
pocoy  
cabo  
— I  
vito-  
Samp  
notici-  
— I  
tanta  
Barri-  
— A  
— V

transmittidas opportunamente pelo barão de Villa Maria, segundo declarações tomadas.

- Estamos pois de posse destes pontos sem queimar um só canhão, tendo sido a fuga do inimigo tão precipitada que deixou, como em Coimbra, toda a artilharia, armamento geral, munições e apetrechos de guerra.

- A canhoneira *Anhambaby* foi perseguida e tomada por abordagem no dia 6 do corrente no rio S. Lourenço pelos vapores desta divisão.

- O quartel de Dourados se encontrou tambem abandonado.

- Os vapores *Ipora* e *Apa* que fizeram o reconhecimento do Rio de S. Lourenço aprezarão o já oitavo vapor *Anhambaby*, cuja tripulação pareceu em parte, escapando-se alguns, e prisioneiros outros, comportando-se bizarramente o 1º tenente de marinha, cidadão André Ferreros, a quem havia confiado esta missão e commandava o *Ipora*, que deu abordagem.

- Os vapores *Taquary* e *Marques de Olinda* estão no quartel dos Dourados, onde tambem o inimigo abandonou um grande parque.

- O povoado de Curumbá cahiu em nosso poder com a maior parte de suas casas saqueadas pelos poucos habitantes que se encontrarão, porém desde a chegada das nossas tropas pôz-se termo a tal desordem.

- Informado que muitas familias fugindo deste povoado se achao mettidas pelas matas, dispuz que dois vapores e força de terra as recolhão e devolvao ás suas casas, e neste momento me avizão que chega o *Paraguary* com muitas familias, e quando as tiver desembarcado voltará ao mesmo objecto.

- Emquanto dou a V. Ex. uma parte detalhada, aproveito o regresso do 2º tenente Godoy no vapor inglez *Ranger*, chegado hontem, para dar a V. Ex. esta primeira noticia.

- Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. Acampamento em Curumbá. 10 de Janeiro de 1865.— *Vicente Barrios.* "

- A S. Ex. o Sr. ministro da guerra e marinha.

- Viva a Republica do Paraguay!— Sr. ministro.—

Esta manhã tive a honra de escrever a V. Ex. pelo vapor inglez *Hanger*, dando uma parte detalhada das operações que me trouxeram a este ponto.

Depois da occupação da fortaleza de Coimbra pela força do meu commando, tomadas as posições mais necessarias para a conservação deste ponto, e do immenso parque alli tomado—puz em marcha as forças de operação, dirigindo-as sobre Albuquerque, onde cheguei na manhã do dia 1.<sup>o</sup> do corrente depois de 13 horas de navegação.

Immediatamente tratei do desembarque da tropa, e despachei o tenente-coronel cidadão Francisco Gonzalez a explorar o terreno e a povoação pelo centro e flancos, dando esta operação em resultado a noticia do completo abandono da povoação pelos seus moradores, não encontrando-se alli outro habitante senão um negro de 72 annos de idade. Ven este a noticia de que a guarnição e os moradores haviam começado sua retirada a 27 de Dezembro ultimo.

O vapor *Rio-Apa* foi destinado a visitar a embocadura do rio Miranda, propriamente Mbotetey, do onde regressou ao amanhecer, sem haver observado cousa alguma.

Na primeira noite foi aprisionado um individuo pela guarnição de Albuquerque, o qual declarou que muitos habitantes se haviam refugiado nos montes immediatos; por isso ordenei ao tenente Jura que hntesse aquellas immediações para aquietar e attrahir aquellas pessoas, prendendo as que fossem suspeitas.

A's 5 1/2 horas da tarde do dia seguinte, depois de haver encarregado do ponto o alferes cidadão Felix Vera e de haver ordenado o embarque, puz-me em marcha para Corumbá, tendo-me antes assegurado de que Albuquerque possui sufficientes recursos para a manutenção da guarnição, julguei prudente continuar por agua com a força do meu commando, e comquanto haja um caminho por terra, não possuia recursos sufficientes para esta operação, nem dispunha de pessoa alguma de bastante confiança para servir de guia.

Pelas informações obtidas, sabia além disto que a

poro menos de 2 leguas abaixo de Corumbá podia dispor de um ponto de desembarque.

Na tarde do dia seguinte, 3 do corrente, cheguei ao logar citado, e ordenei que a tropa de desembarque saltasse em terra, operação que se fez com brevidade.

Pelo silencio observado nas habitações situadas nas immedições se viu o abandono do logar, e durante a noite se fizeram explorações que na manhã seguinte levarão o capitão Freitas, com as quatro companhias de infantaria encarregadas daquelle serviço, até a mesma cidade, de que tomou posse, recebendo a noticia de que as autoridades civis e militares haviam fugido com sua guarnição para Cuyabá.

Ao mesmo tempo observou-se uma bandeira branca entre a povoação e o rio; foi expedido um proprio para saber o que importava aquelle signal no rio, e encontrando em caminho uma cauda, apresentáram-se-lhe os negociantes estrangeiros D. Nicolas Canario, Manuel Gabaza e Juan Vincaba que vinhao pedir auxilio e protecção a esta divisão contra os saqueadores de casas que destruíam a cidade abandonada, e sendo trazidos á minha presença derão circunstanciadas noticias sobre o acontecido em Corumbá.

Assim que recebi esta noticia mandei a competente ordem ao capitão Freitas, destinando o tenente Gorostiaga com sua companhia para alli restabelecer a ordem.

Segundo os dados obtidos os vapores brasileiros *Anahabaty*, e *Jaurú*, e a galeota *Jacobina* havião sahido com tropas do porto de Corumbá, sómente um dia antes de nossa chegada. Com esta noticia expedi os vapores *Ipora* e *Rio Apa*, que por seu calado podião subir o rio S. Lourenço, para perseguir os navios brasileiros, bem como para reconhecer o explorar aquelle rio; porém, por falta de combustivel sufficiente não puderão estas embarcações partir senão na manhã do dia 4.

Conheci o commando desta expedição e exploração ao 1º tenente de marinha cidadão Andres Herreras.

O tenente Jurano encontrou habitantes e somente gado, mas não cavallos, porém, tenho noticias de que o barão de Villa de Maria tem cavallos e mulas.

" A fuga dos chefes brasileiros foi tão precipitada que abandonarão todos os seus poderosos recursos, se não seus próprios soldados em diferentes direcções.

" A artilharia tomada aqui compõe-se de 23 peças de bronze, das quaes remetto 17, ficando com 6.

" A commissão naval de perseguição e exploração encontrou a 8 legoas mais ou menos acima de Corumbá a galeota *Jacobina*, abandonada e atracada á terra. O tenente Herrerias mandou-a tripolar e navegar rio abaixo, para apresentar-se ao capitão Moza, chefe da frota.

" Das averiguações feitas a tal respeito, resulta que esta embarcação é de propriedade estrangeira, a mesma em que tinham subido rio acima as tropas de Corumbá, razão porque conservou-a para os serviços ulteriores como embarcação tomada em serviço do inimigo.

" Para ter noticias de Albuquerque e principalmente para ver se obtinha alguns cavallos, despachei no dia 5 o 2º tenente Manoel Delgado com 20 praças, o qual regressou dando conta da ausencia daquella guarnição, do reconhecimento do paiz, e do que não encontrara cavallos e apenas gado vaccum em abundancia.

" Não sendo de facil vigilancia a embocadura do rio Mbotetey mandei postar alli a guarda conveniente.

" Quando nossas forças aqui chegarão, a maior parte das casas estavam abertas e saqueadas, e em presença disto tomarmo-se medidas severas, estabelecendo-se uma policia que responda pela segurança e tranquillidade publica. Prendêrão-se quatro estrangeiros criminosos no acto de roubar casas e aerno julgados segundo as leis militares.

" Na tarde do dia 8 chegarão um cabo e dous soldados brasileiros que vinhão de Miranda em canoá, e que furão aprisionados, a correspondencia officinal de que são portadores, na qual apparecem tres peças relativas á tomada das colonias de Miranda e Dourados pelas forças paraguayas, como verá V. Ex.

" Este correio foi despachado da villa de Miranda no dia 1º, e encontrou-se com outro que levava a noticia da tomada de Coimbra e de Albuquerque.

" Como no quartel de Dourados sito a poucas legoas



da embocadura de S. Lourenço e a cerca de 30 acima deste ponto poderião ter encontrado resistencia no Ipora, no rio Apa, no caso menos provavel de que não tivesse sido abandonado este lugar, que se pôde chamar o arsenal militar, ordenei que os vapores *Tuquary* e *Marques de Olinda* para alli seguissem a fim de se apoderarem delle.

Das declarações investigadoras tomadas nos estrangeiros e Brasileiros resulta que o tenente-coronel Porto Carreiro, commandante da Coimbra, no momento de chegar a Corumbá tinha sido posto em prisao, e mandado na qualidade de réo a Cuiabá a bordo do vapor *Corumbá* pelo commandante de armas Carlos Augusto de Oliveira.

Os vapores *Anhambuy* e *Jaurú* partirão deste ponto na vespera de nossa chegada, transportando familias e tropas. Um palhote brasileiro, uma galeota e uma *Chalana*, de propriedade estrangeira servirão tambem para o transporte de polvora e de mais de 3,000 homens de tropa.

Os canhões, munições e demais petrechos de guerra que estão aqui foram trazidos, segundo parece, recentemente de Miranda por disposição do commandante de armas.

Segundo a declaração do Cabo vindo como correio de Miranda, aquelle ponto está guarnecido pelo 14º de caçadores, com 8 officiaes no mando do capitão Motta, contando com duas peças de artilharia.

A guarnição brasileira de Corumbá tinha feito preparativos de defesa, collocando baterias no barranco da frente da cidade, e a tres quartos de legua abaixo, estendendo cadeas através do rio para impedir o passo de nossos vapores.

Na tarde do dia 8 chegou aqui de volta o *Ypora* trazendo a noticia do encontro e tomada do vapor inimigo *Anhambuy*, que, sendo avistado na embocadura do rio S. Lourenço, foi perseguido rio acima em sua precipitada fuga pelo *Ypora*, sendo mais lenta a marcha do rio Apa que o *Ypora*.

Nesta perseguição, e durante seis leguas, a *Anham-*

*bahy* fez um fogo vivo sobre o *Ypora*, que, sem responder, procurava dar-lhe caça, como effectivamente deu, tomando-o por abordagem com a sua tripulação e poucos infantas no mando do alferes Pedro Garay. O ultimo tiro que deu a *Anhambahy* antes da abordagem matou o 2º tenente de marinha cidadão Gregorio Benitz que guardava bem o seu posto, sendo esta a unica perda que tivemos.

" A maior parte da tripulação da *Anhambahy* foi morta, atirando-se ao rio, de onde se salvãõ alguns, fazendo-se sete prisioneiros, entre os quizes se acha o immediato.

" Logo que o tenente Herreras tomou a *Anhambahy* arvorou no seu topo a bandeira nacional, e tripulando-a seguiu em perseguição dos outros vapores brasileiros depois de ter despachado o *Ypora* a communicar-me a noticia do successo, os prisioneiros tomados e o aviso do recente abandono do quartel dos Dourados com muitos artigos de guerra.

" O *Taquary* e *Olanda* achão-se actualmente no quartel de Dourados, d'onde tambem trouxe o alferes Fernandez, commandante do *Ypora*, 4 peças o 8 lanções carregados de pólvora e outros artigos bellicos.

" O *Rio Apa* acompanha agora a *Anhambahy* e dentro de poucos dias espero noticias da exploração e perseguição encarregada no tenente Herreras.

" Não chegando as familias que se procurao nos desertos destas immedições. A população deste logar debandou-se pelos montes e pantanos, em consequencia das atterradoras noticias que lho forão communicadas pelo barão de Villa Marin e confirmadas pelos fugitivos de Coimbra. Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Acampamento da Corumbá, 10 de Janeiro de 1865.— *Vicente Barrios.*"

Aguarde o Paraguay que nada perderá por esperar. A sua hora extrema não tardará a soar-lhe.

" Viva o Paraguay! — Sr. ministro. — O coronel commandante da columna de operações sobre o rio Mbotetey. — Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. que, proseguindo a minha marcha da colonia de Miranda

a tres leguas de distancia, recebi aviso do meu seguudo, o capitão Blas Rojas, que levava a vanguarda que se apresentava á vista de uma columna de cavallaria brasileira de 2 a 3,000 homens: então lhe dei a ordem de que a hatessem, accelerando eu a minha marcha; mas tendo a columna brasileira alcançado as cabeceiras do arroio chamado Passo Feo, mandou dizer o seu commandante que queria ver-me; respondi-lho que escrevesse o que me queria dizer.

A isto respondeu que desejava fallar-me sobre minha entrada no territorio brasileiro, e communicar-me suas instrucções a respeito: a minha resposta foi que a entrevista seria inutil, e que então se entregasse dentro de meia hora prisioneiro de guerra, com toda tropa de seu commando, o do contrario seria perseguido com rigor; porém não tendo accitado, dei ordem de ataque, para o qual, durante a troca de communicações, mandei abrir varias picadas, na supposição de que defenderia o passo; porém as picadas foram inuteis, porque ao primeiro tiro de canhão na direcção em que se ouvia a musica, abandonarão o passo disparando tiros de carabina, dos quaes apenas alcançou uma bala que ferio no braço direito o alferes Camillo Castello. Nessa occasião passavam alguns esquadros de cavallaria que os perseguirão, mas debandando o inimigo na mais completa desordem, fugindo em diversas direcções, indo apenas reunidos dous grupos, em um dos quaes ia o tenente-coronel D. Antonio Dias da Silva, commandante daquella força, que foi perseguido pelo tenente cidadão Blas Ovando, que não pôde alcançal-o, porque, passando a ponte do arroio Desbarrancado, a destruirão, como previamente a tinham preparado, ganhando entretanto muito terreno, porque cessou a perseguição para não fatigar inutilmente os cavalloos.

O outro grupo, que havia tomado outra direcção, foi perseguido pelo alferes cidadão Ignacio Cabrera com os de sua classe José Pedrosa e Baptista Rumbra, com sessenta e cinco de tropa, e lhes deu alcance deixando no campo cincoenta e sete mortos e um official, tomando treze prisioneiros, trinta e um cavalloos e oito mulas, com perda de um soldado e dous feridos de nossa parte.

— D'ali passei e acampar-me a legua e meia, e prosseguindo no dia seguinte acampe-me a quatro leguas e meia, sobre o arroio pequeno, aproveitando de tarde a agua e o bom pasto do lugar.

— Ao amanhecer do dia seguinte levantei o campo, e, depois de tres leguas de marcha, passei o arroio Ponte, e com duas leguas mais o arroio Nioack a 1 hora do dia.

— Concluida a passagem, fiz adiantar-se o capitão Rojas com duas esquadras para apossar-se da povoação de Nioack, onde não encontráramos mais que dois individuos, um Hespanhol e outro Portuguez europôu. Eu acampe-me em frente da povoação e ordenei o reconhecimento das casas de armamentos, e demais cousas, porém na commandancia não se encontráramos mais do que seis carabinas de cara e seis espadas de tropa, depois se encontráramos os armamentos, caixões de balas, polvora e papeis enterrados no fundo do curral da commandancia, e tambem algum armamento e munições se encontráramos nas casas que com effeito mandei visitar, como V. Ex. verá pela minuta junta.

— O archivo parece completamente destruido, e os papeis tomados são os que se encontráramos enterrados com os 28 caixões de polvora encartuchada, e 11 de polvora solta. No mais, não se acharam senão comestiveis e transtos, que não poderão levar na fuga.

— O povoado consta de cento e trinta casas, sendo trinta principaes, tendo um oratorio e um espaçoo quartel, que cabe ao oeste da praça sobre a rua Leverger. A commandancia cabe a leste da mesma praça sobre a rua de Santa Rita, podendo aquartelar quinhentos homens.

— Nomeei para commandante deste ponto ao tenente cidadão Pascoal Rivas, ficando as suas ordens as alferes cidadãos Aleixo Gomes e Waldo Jimenes.

— No dia 3 proponho-me a seguir minhas marchas sobre a villa de Miranda a curtas jornadas, para não fatigar as cavalladas com o excessivo calor.

— No correr da perseguição tomáramos-se varios papeis, e entre elles apparecem as communicações juntas. Deos guarde a V. Ex. muitos annos. Nioack, Janeiro 3 de 1865.  
— Francisco Y. Roquin.

Do procedimento do tenente-coronel Dias, em mandar dizer ao coronel paraguayo que lho queria fallar sobre sua entrada no territorio brasileiro, e communicar-lhe suas instrucções, se comprehende que elle ignorava ainda o acontecimento de Coimbra, e que havia sido surpreendido, como fora a guarnição deste forte, e em geral todos os pontos que hão cahido em poder do inimigo.

Se nao fora esta circumstancia, temos firme convicção de que os soldados paraguayos seriam batidos e não terião podido commetter esses actos de requintada perversidade, que os tornão merecedores de exemplar punição e vingança, e os tornão mais dignos da celebridade exotica, de que gozão em todo o mundo.

Para melhor esclarecimento sobre os actos reprovados e traiçoiros do governo paraguayo a nosso respeito, julgamos conveniente transcrever aqui a circular que o Exm. Sr. conselheiro Paranhos, dirigio ao corno diplomatico estrangeiro em Buenos-Ayres, cuja circular derrama muita luz sobre os nossos negocios com aquelle despresivel e diabolico governo.

~ Missão especial do Brazil.—Buenos-Ayres, 28 de Janeiro de 1865.—O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. o Imperador do Brazil, acreditado em missão especial na Republica Argentina, recebeu ordem para dirigir ao Sr. .... ministro. .... de ..... o manifesto que faz objecto da presente nota:

“ O governo da Republica do Paraguay, sorprendendo a boa fé e moderação do Brazil, declarou-lhe guerra em alliança com o governo de Montevideo, e já levou suas armas ás povoações quasi indefesas da provincia de Matto-Grosso.

“ O governo imperial deseja que as potencias amigas possam apreciar em seu imparcial e illustrado juizo quanto ha de injusto e inaudito nesse temerario procedimento de um governo com o qual o Brazil se esforçava por cultivar as mais benevolas relações de vizinhança.

“ A Republica do Paraguay, Sr. ministro, vivia accestrada do commercio das outras nações, e ameaçada em sua existencia pelo governador Rosas, quando entro

ella e o Brasil ao estabelecerão as mais estreitas relações de amizade e reciproca confiança. O interesse que o governo de Sua Magestade tomou pela independencia do governo paraguayo foi reconhecido pelo proprio governo da Assumpção, e d'elle podem dar testemunho varios gabinetes da Europa e America.

Em 1852 alliando-se o Brasil ao Estado Oriental do Uruguay, e a uma importante fracção da Republica Argentina contra os seus oppressores e inimigos do Imperio, os generaes Rosas e Oribe, o governo imperial convidou logo ao do Paraguay para essa cruzada de honra e de interesse commum, não nella necessidade de sua cooperação, mas como garantia do futuro reconhecimento de sua independencia pela nação argentina.

O governo paraguayo não obstante, obrigado por ajustes preexistentes entre elle e o Brasil a tomar parte activa naquella triplice alliança, apenas lhy prestou uma adhesão nominal; subtrahiu-se a todos os onus, reservando-se sem embargo o direito de participar dos beneficios que resultassem e effectivamente resultarão dos esforços do Imperio e de seus alliados.

Abertos os afluentes do Rio da Prata a navegação dos ribeirinhos e de todo o mundo civilizado, o governo paraguayo foi o primeiro a utilizar-se da concessão dos alliados, porém por sua parte conservou o Alto Paraguay fechado a todas as bandeiras, até a do Brasil, da Republica Argentina e do Estado-Oriental, ás quaes não permittia passar além da Assumpção. Esta denegação do Paraguay não era uma falta de reciprocidade: era a protergação de principios estipulados entre o Brasil e a Republica por um tratado solenne, o de 25 de Dezembro de 1850.

A provincia brasileira do Matto-Grosso, que encerra em si elementos de grande prosperidade, continuou privada da navegação exterior como antes estivera a republica do Paraguay, não já pelo ominoso peder do governador Rosas, mas pela vontade arbitraria do governo da Assumpção. Assim permaneceu aquella provincia desde 1852 até 1858, quatro lurgos annos depois do

franqueada á navegação do Prata e de seus afluentes por todos os outros ribeirinhos.

“ Tão injusta e irritante procedimento do governo paraguayense esteve a ponto de provocar uma guerra com o Brasil: entretanto a soube evitar por sua modernação, não obstante os dispendiosos preparativos que já havia feito para sustentar pelas armas o seu direito. Em 1854 foram assignadas na corte do Rio de Janeiro duas convenções que puzero termo áquelle conflicto.

Uma destas convenções adixava a questão de limites, causa principal da contenda, porque o governo paraguayo já não admittia nenhuma das soluções que antes propuzera, nem outra mais vantajosa á Republica que então lhe offerecia o governo imperial. A segunda assegurava a bandeira brasileira o livre transitto pelo rio commum com esta restricção, a que o Imperio accedeu por amor da paz, que só os navios de guerra poderiam passar pelas aguas da Republica para o territorio brasileiro do Alto Paraguay.

- Apenas promulgado o referido amigavel accordo, o governo paraguayo annullou-o de facto, sujeitando a navegação commum a regulamentos que erão a negação do estipulado e tornavão impossivel todo o commercio interior com a provincia de Matto-Grasso.

- É facil conjecturar o effeito que devia produzir a nova provocação no animo do povo e do governo brasileiro. A guerra tornou-se uma vez mais imminente; o Brasil foi obrigado a novos armamentos, comtudo, nesta emergencia o Brasil preferio a paz, e pode pela sua prudencia evitar decotosamente aquelle recurso extremo.

- O governo imperial propóz e firmo com toda a boa fé o accordo que se contém na convenção fluvial de 20 de Fevereiro de 1858. Esta convenção não foi para o Brasil uma tregua a cuja sombra pudesse preparar-se com mais vantagem para rompê-la assim que lhe conviesse.

- Não: o governo imperial com a consciencia dos seus direitos, e certo do civismo do povo brasileiro,

nunca quix ver nos excessivos armamentos paraguayos mais do que o triste resultado da politica milticolaza desse governo e do regimen anormal em que ainda permanece essa republica.

• Esperou sinceramente que o tempo e as suas benovolas intenções determinassem por fim a converção daquelle governo aos dictames da paz e da justiça internacional. Nestas disposições confiava o governo imperial. quando lho sobreveio o conflicto com o de Montevideo, e se vio com espanto no Rio da Prata apresentar-se o governo da Assumpção como o mais zeloso defensor da independencia da Republica Oriental do Uruguay, que ninguom seriamente podia julgar ameaçada pelo Brazil, pelo Brazil que a defendera contra o poder de Rosas e sem o concurso a que o governo paraguayo se obrigara no citado pacto de 25 de Dezembro de 1850.

• Depois de numerosos actos pelos quaes o governo imperial deu provas inequivocas do seu respeito á independencia daquelle Estado limitrophe, quando o governo argentino, que tom com o do Brazil estipulações especiaes a esse respeito, fazia justiça ás intenções deste, a simples duvida por parte do governo do Paraguay era por si só uma offensa immemoravel; porém esse governo foi mais longe. Erigindo-se em arbitro supremo entre o governo imperial e a Republica Oriental, dirigio ao primeiro uma notificação ameaçadora, que nada menos importava do que coarctar ao Brazil uma parte dos seus direitos de soberania no conflicto em que se achava com o governo de Montevideo.

• O abaixo assignando refere-se aqui á nota paraguaya que corre impressa com a data de 30 de Agosto ultimo, pela qual pretendeu o presidente daquelle Republica ingerir-se na questão a que era de todo estranho, sob pretexto do perigo para a independencia do Estado Oriental.

• O governo da Assumpção não desinha a natureza e alcance da sua ameaça, envolveu-a em mysteriosa reserva e tornou-a dependente de uma clausula.—a occupa-

pod.  
de  
o p  
pod.  
de  
Braz  
e q  
e b  
sug  
lizar  
-  
de F  
gus  
para  
pau  
do i  
dado  
suar  
inick  
-  
dipa  
1854  
guay  
prim  
pau  
furoc  
adua  
-  
suro  
gita  
paldi  
suly  
vel.  
-  
elica  
-  
-  
dlo f



ção do Estado Oriental por forças do Brazil,— que não se verificou, e que o governo imperial tinha declarado estar fóra do seu intento as medidas coercitivas contra o governo de Montevideo,

- A resposta a semelhante pretensão e ameaça não podia ser outra senão a que deu a legação imperial na Assumpção, fazendo sentir ao governo paraguayo que o Brazil exercia um direito inherente a todas as soberanias e que nenhuma consideração poderia detê-lo no justo e honroso compello de defender a sua dignidade e proteger as pessoas e propriedades dos numerosos subditos brasileiros residentes no Estado Oriental.

- A entrada de um exercito brasileiro no territorio da Republica do Uruguay, sem que praticasse acto algum de occupação, serviu, não obstante de fundamento para que o presidente da Republica do Paraguay rompesse as relações de paz com o Brazil. A ameaça do 30 de Agosto ultimo foi allegada como prévia e solemne declaração de guerra, para justificar um abuso inqualificavel da boa fe internacional com que esse governo iniciou suas hostilidades de guerra contra o Brazil.

- O Sr. ministro tem conhecimento da captura insidiosa do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que navegava, como de costume, pacificamente pelo rio Paraguay com destino a provincia de Matto-Grosso, e da prisão afflictiva a qua foram reduzidos alguns dos inermes passageiros desse vapor, entre os quaes se achava um alto funcionario brasileiro, que ha collocar-se á frente da administração daquella provincia.

- O governo da Assumpção considerou como prisioneiro de guerra, e trata com extrema severidade a passageiros que simplesmente transitavão pelas aguas da Republica, confundidos no estado de paz em que se achavam ambos os paizes, e á sombra de um direito incontestavel. Os tempos modernos não offercem exemplo de attentado semelhante.

- O conflicto do Brazil com o governo de Montevideo foi, como se vê, um pretexto e uma occasião que o

governo paraguayo aproveitou para levar a effecto seus projectos da guerra. Os feitos referidos poem em toda e luz o plano de ha muito premeditado por esse governo e o fim a que se dirige: porém ha outra prova não menos significativa de seus maleficos intentos. Esta prova é a expedição a Matto-Grosso, contando com as vantagens da sorpresa naquella remota provincia brasileira, victima a esta hora da devastação e atrocidades que vão praticando seus invasores.

Em vista de tantos e taes actos de provocação, a responsabilidade da guerra entre o Brazil e a Republica do Paraguay pesará exclusivamente sobre o governo da Akumpção. O governo imperial repellira pela força a seu aggressor; porém, salvando com a dignidade do Imperio seus legitimos direitos não confundirá a nação paraguaya com o governo que assim a expõe aos azares de uma guerra injusta e saberá manter-se como belligerante dentro dos limites que lhe marcam sua propria civilisação e seus compromissos internacionaes.

O abaixo assignado tem a honra de renovar a S. Ex. a Sr. . . os protestos de sua mais alta consideração.—  
*José Maria da Silva Paranhos.*

## CAPITULO VII.

### O QUE FOI E O QUE É O FORTÉ DE COIMBRA — FECHO DOS MORROS DO PÃO DE ASSUCAR

Tendo sido Coimbra o primeiro ponto necessmetido e tendo-lhe dado o coronel Barrios o epitheto de *inexpugnabil*, convém que digamos a que foi e a que é a fortaleza de Coimbra.

Sendo o Exm. general Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira o Cáceres informado da utilidade de fundar-se uma fortaleza na margem do Paraguay, no sitio denominado Fecho dos Morros, para impedir aos hespa-



N  
 S  
 A  
 C  
 -  
 -  
 O  
  
 A  
 A  
 A  
 A  
 A  
 -  
 -  
 S  
 -  
 A  
  
 S  
 -  
 A  
  
 S  
 OS  
  
 O  
 E  
 -  
 -  
 A  
  
 LLO  
 -  
 -  
 10-  
 id-

nhé  
can  
Indie  
savã  
Vill  
de N  
de D  
Foi  
Muth  
drag  
pode

O  
quo e  
Morr  
de A  
o pr  
guay  
Orien  
em fr  
de ma  
Ac  
direit  
por e  
moia

En  
*Morr*  
A beis  
tado e  
reira  
marin  
orden  
desse  
lhidom

Est  
corona  
ria pa  
A la  
fundo  
A fo

nhões a viagem para as minas de diamantes nas cabocaras do Paraguay, e para pôr cobro aos insultos dos Indios Payaguás aos negociantes de S. Paulo que passavam para a capitania de Matto-Grosso, mandou de Villa Bella a 9 de Maio estabelecer alli o presidio de Nova Coimbra, estabelecimento que teve logar a 13 de Dezembro de 1775 na montanha da parte Occidental. Foi incumbido desta commissão o capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa a testa de 248 soldados, entre dragões, auxiliares e ordenanças. O Fecho dos Morros pôde distar de Guiahá 190 leguas.

O capitão Mathias chegando ao morro de Coimbra que de alguma forma se parece com o dos Fechos dos Morros, que hoje é mais conhecida pelo nome de Pão de Açucar, fundou alli, instigado pelos da sua comitiva, o presidio, e de somulhante engano quer tirar o Paraguay hoje o seu direito a todo o territorio da margem Oriental que se estende desde o supposto Rio Branco, em frente ao Olympo, até a Apa: pretensão absurda que de maneira alguma deve ser por nós tolerada.

Acha-se, pois, o forte de Coimbra situado á margem direita, sobre o declive de um outeiro que se estende por espaço de uma milha e meia de comprimento, com meia milha de largura e quatro de circumferencia.

Em frente e a margem esquerda acha-se o chamado *Morro Grande*, que terá duas milhas e meia de circuito. A beira deste morro, e a margem do Rio, havia levantado o fallecido capitão-tenente Antonio Joaquim Ferreira Ramos, um aquartelamento para os imperiaes marinheiros, cujo aquartelamento foi abandonado por ordem de um dos presidentes de Matto-Grosso, um desses militares velhos e invalidos, que tem sido escolhidos a dedo para ir presidir a e commandar as armas.

Este excellente ponto strategico foi o escolhido pelo coronel Vicente Barrios para collocação de sua artilharia para o bombardeamento do forte fronteiro.

A largura do rio neste logar excede a 200 braças, e o fundo entre os dois morros e de 25 a 30 palmos.

A fortificação é de figura irregular e estende-se pelo

— 40 —

dentro de cima; apenas o lugar em que se achão as baterias, poderá offerecer um plano de 20 braças de comprimento e 10 de largura, d'ũa com a vantagem de poder cruzar os fogos. O interior do forte é completamente descoberto.

Não ha em Coimbra povoação.

Apenas do lado do N. e abeirando uma sanga formada pelas aguas do rio, existem algumas poucas casas, pela maior parte cobertas de palha, onde residião as familias dos que formavão a guarnição. A morada do commandante é a melhor, e coberta de telha. Este forte recebeu alguns beneficios durante o tempo em que foi commandado pelo capitão Antonio Maria Chelho, que alli fez algumas obras importantes.

Amboz os morros que neste ponto margeão o rio, transformão-se, em tempo das enchentes, em verdadeiras ilhas, sendo facil então em canoas rodá-l-os, inconveniente que não se dá no Pão de Assucar, ou Fecho dos Morros, porque estes continuão e vão se unir a outras serras, deixando apenas passar o rio por dois estreitos canoas, dos quaes o da direita é franco em todas as estações, e poderá ter a largura de 80 braças.

Sem que o Brasil possua este ponto e o fortissimo convenientemente, nunca poderá contar com a provincia de Matto-Grosso completamente defendida, e livre de ser devastada pelos selvagens do Paraguay.

A respeito da occupação deste ponto, do qual não é possível prescindir, existe um acto solenne que attesta a nossa posse, em que devemos de novo entrar, como entraremos em Coimbra, Albuquerque, Corumbá, Dourados, Miranda e Neosack, de que fomos brutalmente esbulhados, e que só por effeito de uma desprezivel humilhação deixaremos de reivindicar.

Esse acto de posse, de que fazemos menção, daremos mais abaixo, precedido do officio de participação do capitão commandante da fronteira.

O Pão d'Assucar ou fecho dos morros, como se vê do desenho junto,



é formado por cadeias de montes que bordão as margens esquerda e direita do Paraguay, que dividindo ahi suas aguas, deixa no seu alveo levantada uma ilha que poderá ter pouco menos de uma milha de circumferencia.

Esta ilha formada de rochedos, divide o rio em dous canaes, ambos navegaveis, mas o da esquerda além de ser mais estreito, tem a sua entrada semeada de pedras soltas, e não poderá ter mais que vinte braças de largura.

O morro mais elevado da parte oriental, e de forma conica, é o denominado Pão d'Assucar, talvez pela semelhança que apresenta com o da entrada da Baía do Rio de Janeiro, o que faz acreditar-se que os primeiros que avistarão este monte, ou que o descobrirão, serão os portuguezes, porque os hespanhoes tiveram de adoptar este mesmo nome.

Foi neste importantissimo ponto que o general Luiz de Albuquerque mandou o capitão Mathias Ribeiro da Costa formar o presidio de nova Coimbra a 3 de Maio de 1775, porque neste lugar as embarcações que subirem ou descerem, terão necessariamente que passar a tiro de mosquete da fortificação, que se levantar sobre a ilha, mas, como já demonstramos, por um engano daquelle official, esse forte foi construido mais acima em outro monte, hoje conhecido pelo nome de morro de Coimbra.

Fortificado o fecho dos morros, teremos em nossas mãos a chave da provincia do Matto-Grosso, que então ficará livre de uma outra invasão de barbaros.

A profundidade do Rio no canal direito é igual a profundidade que tem em frente de Coimbra.

O rio aqui corre com alguma velocidade, mas nem por isso obata em tempo algum a passagem dos vapores, experimentando sempre o viajor neste lugar uma impressão maravilhosa e mesmo sublime, por figurar-lhe que o vapor vem sabindo das entranhas dos montes por uma estreita garganta, podendo immediatamente depois da passagem a vista dilatar-se por uma vasta planicie de cinco a seis leguas de extensão, toda coberta da mais delicada e verde pastagem, destacando-se apenas aqui e acolá manadas de fugitivos servos e mimosas palmeiras,



agitadas pelo proprio brando do vento. Sente-se naturalmente uma emoção deliciosa e ao mesmo tempo grave; a alma parece elevar-se sobre si mesma, e entrar pelo infinito, até a presença do Creador — Experimenta-se a impressão do sublime.

Esta encantador lugar nos pertence; d'elle tomamos posse formal, como se vê dos seguintes documentos.

- Ilm. e Exm. Sr.— Tenho a honra de levar as mãos de V. Ex. o termo incluso da fundação e posse do novo destacamento creado em cumprimento de imperiaes determinações, e por ordem do V. Ex., em o lugar denominado — Fecho dos Morros — á margem oriental do Paraguay, e proximo a mais alta montanha conhecida pela denominação de — Pão d'Assucar — cuja força compõe-se de um subalterno commandante, um sargento, um cabo, dous arapeçadas, trinta e cinco soldados, um corneta e um tambor.

O meu estado de saude, e os muitos afazeres me impossibilitão por agora de apresentar a V. Ex. a planta e orçamento para as obras que ali se tornão de urgentissima necessidade, o que farei com a brevidade que me fór possível; e então submitterei tambem á alta consideração de V. Ex. uma memoria sobre as vantagens e importancia daquello ponto.

Deos guarde a V. Ex. Quartal do commando geral em Albuquerque, 17 de Julho de 1850.—Ilm. e Ex. Sr. coronel João José da Costa Pimentel, presidente e commandante das armas desta provincia.— *Jos. Joaquim de Carvalho*, capitão commandante.

Termo do posse do novo destacamento que ora se denomina — São Pedro do Pão d'Assucar — subordinado ao commando geral da fronteira do Baixo Paraguay em cumprimento de imperiaes determinações, e de ordem do Exm. governo da provincia como abaixo se declara.

Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e cincoenta, vigesimo nono da independencia e do Imperio, aos vinte e um grãos e vinte e seis minutos de latitude, quarenta leguas ao sul do forte da Nova Coimbra, em o lugar denominado — Fe-

cho dos Morros— á margem esquerda do Paraguay, oito centas braças no este da mais alta montanha, conhecida pela denominação de Pão d'Assucar (A) sobre a base inferior do morro de pedra viva mais saliente no rio em fórma de uma calote esferica (B) e sombrançoiro no pequeno monte que jaz na margem oposta (C) achando-se presentes o commandante geral desta fronteira, o capitão do estado maior da 1.<sup>a</sup> classe do exercito José Joaquim de Carvalho, o tenente do corop fixo de caçadores, Francisco Bueno da Silva, o missionario apostolico frei Marianno de Baguhais, e todas as praça que tizerão parte da committiva do mesmo commandante, depois de arvorado o pavilhão nacional, acompanhado de entusiasticos vivas a Sua Magestade Imperial, e a integridade do Imperio, foi impossado o novo destacamento do que é commandante o já referido tenente Francisco Bueno da Silva, e deu-se immediatamente principio a construcção do edificio que tem deservir propriamente de quartel da guarnição (D), parque de armna (D'), casa de officinas (E) e armazem de artigos bellicos (F) até que segundo as ordens do governo, seja edificado o forte permanente. E para a todo tempo constar, lavrou-se o presente, que assigna o commandante geral, o commandante da guarnição do novo destacamento, o missionario apostolico e todas as praças presentes, nos vinte e nove dias do mez de Junho.— José Joaquim de Carvalho, capitão commandante geral; Francisco Bueno da Silva, tenente commandante do destacamento; frei Marianno de Baguhais, missionario apostolico; Benedito Rodrigues de Moraes, 2.<sup>o</sup> cadete; José Ponce Martins, 1.<sup>o</sup> sargento graduado; Joaquim Antonio Moreira, 2.<sup>o</sup> cadete; Antonio Dias Lemes, 2.<sup>o</sup> sargento; Francisco Gomes da Silva, artifice de fogo; José Nicolau Rodrigues, furriel; Francisco Paes

(\*) As letras A, B, C, D, E, F, indicão as pontes que constão de um mappa apresentado pelo capitão Carvalho e que deve estar na secretaria.

Red  
Ass  
cabe  
guas  
Moa  
Barr  
arpe  
Val  
Faci  
Cabr  
Barr  
nir  
quis  
Ara  
noil  
Aut  
de S  
la,  
Jude  
tudo  
tino  
hant  
da C  
Gou  
guas  
ver  
Garc  
e C  
de C  
sarg

Rodrigues, furiel; Manoel do Souza Benevides, cabo; Antonio Alves de Abreu, cabo; Manoel Paes Rodrigues, cabo; Francisco de Paula Soares, cabo; João José Rodrigues, aspeçada; Agostinho Gonçalves Rosa, aspeçada; Manoel da Cruz dos Santos, aspeçada; Sebastião de Barros, aspeçada; Arago de Fulgencio José da Silva, aspeçada, Francisco Bueno da Silva; Antonio Xavier do Valle, Manoel de Campos Buenos, Sabino da Costa e Farias, Agostinho Martins Pereira, Joaquim de Freitas Caldas, Belisario da Silva Chacem, Portirio Leite de Barros, Eleuterio José da Silva, Antonio Prothrio, Antonio Joaquim Ferreira, Antonio Teixeira, Januario Marques, Victorino de Oliveira, João Antonio Malaquias, Arago dos soldados Floriano Maria de Montserrat, Manoel Antonio Teixeira, Floriano Francisco Leme, Luiz Antonio da Rocha, Martinho de Moraes, Antonio Pereira de Souza Narciso Gonçalves Homem, Francisco de Paula, Felisberto da Silva Leme, José Rodrigues Pires, João Antonio Baptista, Manoel dos Santos, Luciano Antonio Leme, Francisco de Almeida, Luiz Procopio, Faustino Antonio do Rego, Joaquim Soares de Pinho, Sebastião José Pereira, Antonio Rodrigues da Silva, Luiz da Costa Soares, Romualdo Soares de Pinho, Leandro Gomes da Costa, Soverino Soares, Quintino Paes Rodrigues, Joaquim Francisco das Chagas, Antonio Gonçalves Pinto, José, Flaviano de Macedo, Manoel do Arruda Garcia, João Rodrigues Fernandes, Manoel do Carmo e Cruz, Benedicto Joaquim, José Pinto Rio, Manoel José de Oliveira, Elias de Freitas, José Ponço Martins, 1.º sargento graduado.

EXPER  
NIC  
TES

Loq  
um c  
nos p  
gover  
de Ro  
para :  
pelo c  
obriga  
attenç  
o falle  
Err  
car o  
que x  
cins. e  
A fi  
no uni  
nas es  
defror  
Ao

## TERCEIRA PARTE.

### CAPITULO VIII.

EXPEDIÇÃO PARAGUAYA PARA O PÃO DE ASSUCAR. SUA VERGONHOSA RETIRADA.—OS GUBYCURUS NOS PRESTÃO IMPORTANTES SERVIÇOS.—DESOCUPAÇÃO DO FORTÉ DE OLYMPO.

Logo que constou em Assumpção havermos collocado um destacamento no Pão de Assucar, que por direito nos pertence, e a pezar dos favores que então recebia o governo paraguay do Brazil, que o salvou das ambições de Rosas, fez o dictador D. Carlos Antonio Lopez subir para alli uma força de 800 a 1,000 homens commandada pelo capitão Ville Mâyor com o proposito firme de nos obrigar a abandonar o ponto, sem que prestasse a máior attenção as explicações do nosso ministro na Republica o fallecido brigadeiro Bellegarde.

Era commandante do destacamento do Pão de Assucar o tenente Francisco Bueno da Silva, official valente que muito pôde ser aproveitado nas actues circumstancias. Constavá o dito destacamento de 25 praças.

A frente desta déminuta força apresentou-se mesmo no anno de 1850, a força paraguaya em diversas pequenas embarcações, e uellas permanecerão por dous dias defronte do ponto que occupavamos.

Ao terceiro dia, de manhã, mandarão um dos seus

levar um officio ao commandante, intimando-o a que se rendesse, ou se retirasse no prazo de 12 horas.

O parlamentar, entregando a intimação, retirou-se obrigando assim o commandante do destacamento a enviar tambem parlamentar, conduzindo o officio de resposta, no qual elle declarava que com quanto reconhecesse a extrema desigualdade de forças, estava todavia no firme proposito de sustentar o posto, que lhe havia sido confiado, e que assim resolvido estava prompto para os receber, quando se dignassem dar o seu desembarque.

Sendo esta resposta dada pela manhã, os Paraguayos com tudo não fizeram movimento algum durante o dia, entendendo que aquelle procedimento do commandante tinha por fim simular uma retirada nessa mesma noite, e por tanto julgarão dever esperar até a manhã do dia seguinte.

A noite conservaram-se em inteira actividade não só pelo movimento das sentinellas, como pelo toque da musica e de diversos instrumentos.

Na manhã seguinte, aproveitando-se de uma forte cerração, trataram de emprender o desembarque, fazendo seguir em primeiro logar um lanchão com cerca de 200 homens, mas estes ao aproximarem-se do destacamento, na conformidade das ordens que havia do commandante Bueno, bradou-lhes a sentinella que tal não fizessem por que seriam repellidos a ferro e fogo.

A guarda do porto compunha-se apenas de 8 praças, e de um inferior, e por isso a força destinada ao desembarque, desprezando o aviso da sentinella, continuou a demandar a terra. Logo a distancia de 30 passos recebeu ella a primeira descarga de oito tiros, que ferião tão bem empregados, que o lanchão perdeu o lome e desgovernou pela morte do piloto e de alguns soldados, e de mais começaram a bradar para os nossos que fizessem tiros de consciencia, e que do outro modo aerião assassinos. A confuzo e a desordem apparecerão, ficando logo a barca sem rumo, desorientada, virando a roda pelo rio abaixo.

Neste interim é enviado pelo commandante em chefe um official, que pela sua pronuncia conheceu-se não ser

Paraguayo, o qual tomado de notavel arreyganho militar apresentou-se em frente dos nossos, batendo o peito e desafiando-nos mas esta ainda foi infeliz porque ficou estendido depois de uma segunda descarga.

Novo reforço veio encorajar a sua gente, já então bastante desanimada, e debaixo de vivo fogo dirigido pelo proprio commandante Bueno, effectuáram o desembarque de sua consideravel força em relação aos nossos que não excediam de 25.

Mezmo assim proseguio a luta por espaço de seis horas no fim das quaes a força brasileira vio-se obrigada a roturar-se não só pela desigualdade de força, pois que cabia 20 paraguayos para cada um brasileiro, como ainda porque se havia extinguido a munição.

Nem este acontecimento, e nem os continuados avios feitos ao nosso governo, o demoverão a olhar com attenção para a provincia de Matto-Grosso.

Gastar-se-hia para pol-a em estado completo de defesa, assim de força como de artigos bellicos, 4 a 5 mil contos, que se pouparão, para gastar-se agora e de improvisio talvez mais de 20 mil!!

Como tem sido providentes os governos que se hão succedido na alta administração do paiz?!

Bem dizia o fallecido visconde de Albuquerque, que o paiz iria mal enquanto não corresse sangue de ministro.

Entretanto existe a crença publica de que aquelles que apresentam a melhor disposição e vontade de servir bem a sua patria, são obrigados a nullificarem-se por cauza de uma força irresistivel que os detem e os embaraça.

Como isto é por todos sabido, pois que todos, mais ou menos, terão tido occasião de ouvir esta linguagem, que não será que tambem se escreva?

Se é verdade, convém que se corrija esta abuzo; se não é, então que não continuem a encobrir os ministros, de alguns annos a esta parte, sua incapacidade com o rico manto de purpura.

Nessa época de assalto do Pão de Assucar ora commandante geral da fronteira, o então capitão, e hoje co-

ronel José Joaquim de Carvalho, que tendo, de ordem da presidência da provincia, ido a capital, regressou para o forte de Coimbra, logo que soube do acontecimento.

Apenas alli chegou, fez seguir um expresso as aldeas dos Guaycurú para chamar o cacique capitão Lapagate que immediatamente se lhe apresentou e teve ordem para que sem demora fosse ao feicho dos morros, e alli, explorando a campanha, examinasse para onde se havia dirigido a força aggressora.

Este cacique, porem, tomou por si mesmo a deliberação de voltar a Nabileque e convidar ao outro cacique capitão Lixagóta, e reunidos, com 80 cavalheiros, seguirão para o lugar ordenado pelo capitão Carvalho.

Feita a exploração reconhecerão que a força aggressora tinha se dirigido rio acima, até o forte Bourbon, hoje mais conhecido por Olympo.

Marcharão os indios para esse ponto, e ao lugar denominado rabo de Rma, seis milhas acima do forte, atravessarão a nado o Paraguay, e serão dar-lhe cerco; porém ainda em distancia tal que não serão percebidos dos Paraguayos.

Estes estavam com cinco bois mortos para fornecimento da tropa e se achavão quasi todos fora das muralhas descuidados e no mais completo acago.

Acontecendo, porém, que Lapagate mandasse por um seu ajudante do ordens proveuir a Lixagóta de que elle estava na resolução de apertar o cerco, foi o dito ajudante percebido pela sentinella do forte que bradando immediatamente—*los barbaros*—deu lugar ao grito a uma tal confusão e alarma, que desprezaram as rezes mortas, chapéas, facas, camisas vermelhas, lenços, pratos, machados e outros objectos e metterão-se no forte, do qual se feichou, com a velocidade do rio, o pezado e classico portão.

A força guaycurú conservou-se a pé firme todo esse dia e toda a noite, tendo seus cavallos á corda.

Na manhã seguinte, não se avistando mais nem ao menos a sentinella do forte avançou a força guaycurú até ao alcance de tiro do fuzil, e como ainda assim



ninguém apparecesse em opposição, derão os caciques ordem de assalto, e a golpes de machado abrirão o portão, e tornárão-se senhores do Olympo sem a menor resistencia, porque de viventes apenas encontrarão dentro algumas gallinhas chócas e outras com pintos.

Então conhecerão os caciques que os paraguayos, aproveitando-se das trevas da noite e de dous barcos que alli se achavão fundados evadirão-se, rio abaixo, conduzindo todo o armamento e munição que havia.

Em o dia marcado pelo capitão Lapgate para sua volta ao forte de Coimbra, e quando o commandante geral o esperava ansioso por noticias, apresenta-se-lhe um esquipado de ordem dos capitães guaycurús, trazendo-lhe a enorme fechadura do forte, como signal de que estavam senhores delle, pedindo na mesmo tempo ao dito commandante que lhes enviasse alavancas para continuarem no seu desmoronamento, porque só com os instrumentos que elles alli tinham de cerne de madeiras apenas tinham podido destruir tudo quanto era de tijolos, mas que chegando as muralhas de pedra e cal, só com alavancas poderião demollir.

O commandante, porém, julgou conveniente levar o occorrido primeiramente ao conhecimento da presidencia, e por isso lhe ordenou que sustassem o desmoronamento, mas que se conservassem alli até segunda ordem.

N'esta ponta permanecerão os guaycurús por cinco mezes, e só o abandonarão, quando se convencerão de que os paraguayos não voltarão.

Ao mesmo tempo que elles nos aggrederão no Pão d'assucar, outra força paraguaya de 600 homens de cavallaria invade a campanha de Miranda, e ali faziao disturbios e violencias, prendendo cidadãos inermes, em cujo numero entrou Pedro da Silva que se dizia filho do Sr. barão de Antonina, levando-os para além do Apa, assim como animacs, gado, mantimentos, etc.

O commandante geral não tendo no forte de Coimbra forças para fazer marchar para aquelle ponto, mandou chamar um 2º capitão guaycurú Guidauani, filho do capitão Taquidauani, e lhe ordenou que com a força de

guaycurús que podcase reunir marchasse para o ponto invadido, e que ali não consentisse que um só paraguayo entrasse nos territorios brasileiros aquem do Apa.

O cacique executou immediatamente a ordem do commandante geral, marchando para aquelle ponto com cerca de 60 indios, mas nao encontrando na campanha a força paraguaya, tomou a deliberação de ir até o Rio Apa, divisa do territorio brasileiro. Ahi chegou esta força tão a proposito, uo encontrou ainda a cavallhada e algum gado de nosso lado, assim como parte da força inimiga.

Tal horror inspirou os indios guaycurús nos paraguayos que a simples presença dessa pouquena força, dez vezes menor que a paraguaya, foi bastante para produzir a desordem e a confusão a um ponto tal que sem a menor resistencia atirarão-se desesperadamente ao rio Apa, abandonando tudo, salvando-se alguns a nado, e afogando-se outros pela precipitação com que querião vencer a corrente; ficaram os indios senhores de toda cavallhada e gado que ali encontráráo.

N'esta parte nancou algum tanto o Sr. Bessi na sua obra, pois que os guaycurús nunca foram contra nós, e em vez de serem contra os fugitivos do Pão d'aseucar, prestarão-lhes valiosos socorros.

Hoje temos certeza que os indios abandonarão o forte Olympo por insinacões nossas, porque o Sr. Bellegarde, que então era nosso ministro em Assumpção, muito instou com o presidente da provincia e com o commandante geral da fronteira para que o fizessem desoccupar, por officios dirigidos a aubos a 8 de Setembro de 1850, para evitar desconhanças.

Já que tocámos nos relevantes serviços que nos prestarão os indios guaycurús, torna-se conveniente darmos uma idéa geral desta nação.

Ella divide-se em tribus com seus respectivos chefes, como o leitor terá observado, visto que nos servimos dos tres caciques Lapagato, Lisagóta e Quidazani todos guaycurús.

Estes chefes são hereditarios, e succedem-se no commando por direito proprio, sem intervenção nossa.

As tribus conhecidas são: Guatiadeos, Cutugneos, Guieos, Bequéos e Cudiqueos. Todas estas tribus comprehendem 4.000 indios de ambos os sexos, entre velhos, moços e crianças, e não existem em um só aldeamento. Estão espalhados por Albuquerque, Miranda, existindo maior porção nas companhias do Nabileque, e quasi sempre vagação até as margens do Aja cassando e pescando.

Empregão-se tambem na criação do cavallo e gados, e sabem tirar na guerra tanto partido de um animal, de que se servem em pélo, que d'ahi lhes vem o merecido titulo de cavalleiros.

Aquelle que não é filho ou descendente de cacique, nunca pode ser uolra, por maiores horas que lhe dêm. Se é nomeado capitão, o tratão de capitão de papel: o uma fidalga guaycurú, mortora solteira antes de que casar-se com um individuo em cujas veias uno certa sangue de cacique.

São extraordinariamente orgulhosas. caracter distinctivo de toda a nação Guaycurú.

Fazem correrias por outras tribus de indios de diversas nações, e retirão-se conduzindo mulheres e crianças, a que chamão captivos. Estes com facilidade se acostumão entre os guaycurús pela delicadesa e amor com que são tratados por elles.

A mulher guaycurú se chega a conceber antes de ter a idade de 30 annos, emprega todos os meios, ainda os mais barbaros, para lançar o feto; mas completos os 30 annos trata com o maior cuidado e dedicação da conservação da sua prole. Este costume talvez provenha de não ter o marido junção com a mulher durante a gravidez e criação dos filhos.

O amor de uma mulher guaycurú é acompanhado do que pôde haver de mais terno, compassivo e delicado. Elle é sincero e puro, e nunca pôde abortecer, porque basea-se na inclinação, na sympathia e no coração, ou antes basea-se nos encantos da natureza.

Nenhum outro interesse move a joven guaycurú senão a necessidade de amar porque nisso encontra allivio e prazer.

Sous cuidados se convergem todos para o bem estar do ente amado que se torna um verdadeiro motor dos sentimentos da mulher guaycurú, que lhe nutre um excessivo devotlo.

Ella sente, se o vê sentir, deixando-se apoderar de mortal melancolia; e alegra-se se o vê contente; emfim o amor de uma guaycurú só pode ser comparado ao ferroz, ao desinteresse e ao que posse do sublime ao amor puro e desinteressado da uma extremosa mãe ao seu filho.

Os guaycurús se servem da flecha para suas caçadas e peacas. Para guerra preferem seus cavalos, lanças e porreles que manejão com summa destreza.

Suas casas são baixas e cobertas de esteiras.

Acreditão em Deos e na immortalidade da alma, mas não prestao culto a divindade alguma; apenas parecem respeitar muito uma certa ave de rapina, chamada *carri-cará* da familia dos gaviões, de que julgão descender, por que dizem elles que depois de serem creados os homens e outros brios, o carscará se lastimara de se não haver tambem creado o guaycurú, e que deitando ovos na fenda do tronco de um grande madeiro, d'elles nascerão os guaycurus, aos quaes entregara logo o cavalleo, o porrele, a lança, o arco e as flechas, dizendo-lhes que com aquellas armas farião guerra as outras nações, das quaes tomarião os filhos e as mulheres para captivas, e roubarião o que pudessem. Por isso somos de opinião que taes indios muito nos podem coadjuvar n'esta emergencia, ordenanda-se-lhes que fação a guerra aos paraguayos lá a seu modo.

Todos se pintão com tinta do *wracú* e genipapo com mais ou menos asymetria.

Os guaycurus se constituirão brasileiros desde o dia 1.<sup>o</sup> de Agosto de 1791, em que seus caciques Quirina e Paulo, se apresentarão ao general de Matto-Grosso João de Albuquerque, e na sua presença, na da camara, nobreza e povo, disserão que em seus nomes e nos de todos os outros chefes de sua nação, de seus subditos, nos de seus filhos e mais descendentes, protestavão e prometião d'ali para sempre manter com os portuguezes a paz mais inti-

na, amizade inviolavel, assim como fidelidade e obediencia a Sua Magestade Fidelissima a rainha portugueza e as suas leis; e de facto, do então para cá, votárão aos paraguayos aversão e odio, e aos brasileiros muita dedicacão e amizade.

O general, em consequencia desta manifestacão espontanea da nação Guaycurú, fez publicar a seguinte carta patente:

" João d'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, do conselho da Sua Magestade, cavalleiro da ordem de S. João de Malta, governador e capitão-general das capitania de Matto-Grosso e Guayabá, etc

" Faço saber aos que esta minha carta-patente virem, que tendo a nação dos Indios Guaycurús ou Cavalleiros solomnemente contractado perpetua paz e amizade com os Portuguezes, por um termo judicialmente feito, no qual os chefes João Queima de Albuquerque, e Paulo Joaquim José Ferreira, em nome de sua nação, se sujeitárão e protestarão uma céga obediencia ás leis de Sua Magestade, para serem de hoje em diante reconhecidos como vassallos da mesma senhora: mando e ordemo a todos os magistrados, officies de justiça e guerra, com-mandantes e mais pessoas de todos os domínios de Sua Magestade, os reconhecão, tratem e auxillem com todas as demonstracões de amizade. E para firmeza do referido lbe mandei passar a presente carta-patente, por mim assignada, e sellada com o sineto das minhas armas. Nesta capital de Villa Bella a 1.<sup>o</sup> de Agosto de 1781.— *João de Albuquerque de Mello Pereira Cáceres.*"

## CAPITULO IX.

CONTESTAÇÃO A'S ANIMAÇÕES DO GOVERNO PARAGUAYO, E AO SEU FRETENDIDO DIREITO A ESPAÇOSOS TERRITÓRIOS NA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO.

Pretende o governo Paraguayo, como já vimos, possuir espaçosos terrenos na provincia de Matto-Grosso,

sem se lembrar que contra sua injusta e abusada pretenção se oppoem todos os tratados antigos e modernos, os factos historicos das descobertas, e o *uti possidetis actuali*.

Todo aquelle que com espirito desaprevenido nos lêr, se convencerá mais de que o acto impolitico e barbaro do presidente Lopes, contra aquella provincia, deve attestar ao mundo que elle ou é louco ou inepto; ou ambos os casos nem pôde uma nação como o Brasil consentir na conservação de semelhante vazio prejudicial e perigoso, e nem pode o povo Paraguay continuar a subsistir debaixo do seu governo brutal, aviltante e retrogrado.

O art. 6º do tratado de 13 de Janeiro de 1750, dispõe o seguinte:

- Desde a boca do rio Igurey, no Paraná, continuará a raiu pelo seu alveo acima até encontrar a sua origem principal; e d'ahi buscará em linha recta pelo mais alto do terreno a cabeceira principal do rio mais visinho, que desagua no Paraguay, pela sua margem Oriental.

Orá, o Igurey entra no Paraná, pela sua margem Occidental, abaixo da foz do Iguatemy, e o seu contravertente mais visinho que desagua no Paraguay é o Jejuy.

O tratado de 1º de Outubro de 1777, confirmou as estipulações do de 1750, em relação a estas divisões, e no art. 8º, diz o seguinte:

- Desde a boca ou entrada do Igurey (no Paraná), seguirá a raiu, agua acima deste, até a sua origem principal; e desde ella se tirará uma linha recta pelo mais alto do terreno, com attenção ao ajustado no referido art. 6º, até achar a cabeceira e vertente principal do rio mais visinho á dita linha que desagua no Paraguay pela sua margem Oriental.

Conhecendo, porém, os commissarios espanhóes que a adoptar-se a divisão dos tratados precedentes, as possessões portuguezas chegarão ás proximidades da cidade de Assumpção, além de nos ficarem pertencendo algumas povoações acima do Jejuy, tratáriso de suscitar dvidas, asseverando que o rio Igurey não era conhe-

co  
pe  
rio  
  
qu  
cu  
pá  
ber  
ha  
I  
ho  
ste  
pá  
o a  
que  
do  
são  
pos  
são  
são  
do  
  
O  
tem  
havi  
do 2  
do  
de F  
de a  
rio I  
sem  
instr  
fina  
Te  
cello  
de 1  
tudo  
sem  
são  
para  
grato

cido, nem existia, o que, portanto, os limites serão pelo Iguatemy e seu contravertente Ipané-guaassú até o rio Paraguay.

Então as cortes de Lisboa e Madrid convencionarão que para acabar com as dissidencias que se deram por causa do tratado de 1750, e para facilitar a execução do de 1777, se adoptasse essa divisa, visto que não havia rio conhecido pelo nome de Igurey, e por isso baixarão as instruções de 8 de Junho de 1778.

Nessas instruções se lê: " Juntos os commissarios hespanhóes e portuguezes na boca do rio Iguatemy, começarão por elle a demarcação, tomando-o por limite, pois que não ha rio algum que se conheça no paiz com o nome de Igurey, e o Iguatemy é o primeiro caudaloso que entra no Paraná por sua marcha Occidental acima do Salto, e subindo-se até suas cahoeiras, avistão-se não distantes as vertentes de outro rio que correndo ao poente, desemboca no rio Paraguay, conhecido pelo nome de Ipané, o qual deve tomar-se por limite, visto não achar-se por esse lado rio algum com o nome de Correntes. "

Os commissarios hespanhóes ainda não ficaram contentes com este accordo, porque ao Norte do Ipané, já haviam as povoações da Conceição e Belem, que terião de ficar dentro da nossa divisa.

D. Felix Azara fez sentir este inconveniente á corte de Hespanha, lembrando ao mesmo tempo a necessidade de não ser obrigado a baixar com a linha divisoria pelo rio Ipané. A corte de Hespanha, de seu mótu proprio, sem intelligenciar-se com a de Lisboa; passou a Azara a instrução de 7 de Abril de 1782, autorisando-o a que fizesse o que havia proposto.

Tendo, porém, o vice-rei do Brasil Luiz de Vasconcellos ordenado ao general de S. Paulo a 29 de Agosto de 1782 que fizesse partir uma expedição para o reconhecimento do rio Igurey, mandou o general ao tenente-coronel João Alves Ferreira, e ao capitão do graduado Candido Xavier de Almeida e Souza, que partissem para esse fim. O tenente-coronel adoeceu gravemente na viagem e por sua parte nada pôde fazer,

mas o capitão Candido Xavier empregou todos os seus esforços até encontrar o dito rio, e por tê-lo descoberto officiou em data de 2 de Setembro de 1783 ao general o seguinte:

" Está V. Ex. na posse do rio Igurey, a margem Occidental do Paranã, sete leguas abaixo da parte superior das sete-queidas, na mesma situação, em que o demonstra a carta de Mr. de Anville. "

Este officio é extenso, e por isso deixamos de transcrevel-o todo, mas como o essencial era o descobrimento do rio, essa parte ahi está. No restante delle tratou o capitão de fazer a descripção da sua viagem, dos embaraços que encontrou, declarando tambem que o rio era largo e profundo, ainda que tivesse mais para o centro algumas cachoeiras.

Os commissarios portuguezes com tal descoberta oppuzêrão-se a execução do convenio de 6 de Junho de 1778, que tacharão de condicional, porque nelle se estipulara por divisa os rios Iguatemy e Ipane, na supposição da não existencia do Igurey, mas que sendo este descoberto e reconhecido, havia caducado o convenio, devendo subsistir as disposições dos tratados de 1750 e 1777.

Azara não teve resposta a dar aos portuguezes, e avisou a sua côrte que não tinha remedio senão concordar em que o convenio era condicional, mas que para salvar as povoações da Conceição e Bulem, tinha concedido o projecto de affirmar que o verdadeiro Igurey era o nosso rio Ivinheima, que entra no Paranã pela margem Occidental muito acima da foz do Iguatemy e até do Amambaby, a 22° 1/2, e que seu contravertente era o rio Correntes, hoje denominado Apa. Então dava elle ao Ivinheima o nome de Yaguarey.

O innocente governo Paraguayo, que para não cumprir os tratados, os deu por caducos e rôtos, teve entretanto a ingenuidade de nos propôr em 1856 a divisa apresentada por Azara pelo lado do Paranã; e pelo lado do Paraguay, excedeu o ousado projecto de Azara, estendendo suas vistas 25 leguas aoima do Apa, até o



supposto rio Branco, que não passa de um insignificante arroio, ou sanga, que nunca poderá ser uma divisa natural.

Tal é a boa fé daquelle governo. Os tratados não servem comquanto sejam a expressão de accordo entre duas corôas, mas o projecto, a opinião particular de um individuo podem ser accetitas!... E será deste modo que terá direito á espaçosos terrenos em Matto-Grosso?...

Se os tratados pudessem hoje servir de base ao nosso direito, teriamos que polos de 1750 e 1777 a nossa divisa devia ser pelo Iguray do lado do Paraná, e Jejuy no Paraguay, ou se vigorasse a convenção de 6 de Junho de 1778 seria pelo Iguatemy e Ipané; ora, propondo nós em 1858 a do Iguatemy, serra do Maracujy e o rio Apa, já fomos excessivamente generosos para com o Paraguay, fazendo-lhe presente de todo terreno que se estende entre os rios Ipané e Apa. Deixamos de transcrever as opiniões reservadas de Azara, que sempre nos foram favoraveis, por julgarmol-as inúteis.

Mas pretende hoje o governo Paraguayo que a divisa seja pelo imaginario rio Branco, que é, como dissemos, uma sanga ou valia, que recebe as aguas do rio Paraguay, em tempo de enchentes. 25 leguas acima do Apa, e quasi defronte do forte Olympo.

E' opinião do Sr. José Berges, ministro paraguayo, que fazendo-os rios, os lagos, etc., parte do territorio de uma nação, o terreno do lado Oriental do rio Paraguay, fronteiro ao Olympo, deve ser por isso considerado paraguayo. Mas esta opinião é erronea neste caso, porque os rios e lagos que fazem parte de um territorio são aquelles comprehendidos exclusivamente nesse territorio e não o rio Paraguay, cujo alveo desde 1792 é considerado como divisa entre os terrenos que pertencião á Portugal e a Hespanha nesta parte.

Quando isto não fosse bastante, se vê da convenção de 12 de Fevereiro de 1858, celebrada entre o Brasil e a Republica do Paraguay, sobre a verdadeira intelligencia e pratica do tratado de amizade, navegação e commercio de 6 de Abril de 1856, que esse governo positiva e solemnemente renunciou sua exagerada pre-

tenção, de querer tirar da posição do forte Olympo a margem Occidental do Paraguay argumentos para firmar seu direito a margem Oriental, do imaginario rio Branco para baixo, porquanto no § 4º do art. 13 da dita convenção se estipulou — “ que a designação do forte Olympo, e os actos queahi devem ter lugar (apresentação de papeis com o — passo), conforme acima se expressa, não poderão ser em tempo algum allegados como prova de direito ao territorio contestado na margem esquerda do dito rio. ”

Conseqüentemente nem consultando os tratados antigos e nem os modernissimos, o governo paraguayano encontrará justificação para os actos violentos commettidos na provincia do Matto-Grosso.

Vejamos agora se consultando a historia poderá o governo paraguayano ser mais feliz na sua pretensão.

Quando todo esse territorio que fórma hoje a singular Republica do Paraguay era *res nullius*, e que sendo assim podia pertencer ao primeiro occupante, foi o portuguez paulista Aleixo Garcia, quem o foi descobrir, com alguns individuos que fazião parte da sua comitiva.

Os donatarios das capitania do Brasil podião augmental-as, se fixessem novas descobertas, e por isso explica-se o motivo por que elles frequentes vezes fazião sair escoltas para o interior do paiz, anixando essas sertanejos pela esperanza de novas descobertas de ricas minas de ouro e de outros metaes.

Numa destas viagens sem destino, por invia e desconhecidos sertões, foi descoberto o Paraguay pelos Paulistas.

Mesmo na historia da fundação da cidade de Assumpção, escripta no seculo XVII pelo Paraguayano Ruy Dias de Gusman, vemos que elle, escriptor insuspeito para o caso, nos conta o que ninguem melhor que o referido governo do Paraguay sabe, isto é, que no anno de 1526 fez Martin Alfonso de Souza, partir da capitania de S. Vicente em S. Paulo, Aleixo Garcia, com mais tres companheiros e alguns indios com o fim de se entornarem pelo interior do paiz não só pelo desejo de descobrimento de metaes preciosos, como porque

por  
ma  
que  
2  
do  
1  
est  
can  
mor  
sint  
talv  
tam  
O  
post  
com  
E  
voo  
Pari  
to de  
Na  
dery  
para  
E  
regu  
algu  
da  
dijo  
Co  
que d  
e um  
algu  
dura  
Ap  
cia  
em  
pos  
An  
zo G  
Buen  
So  
gabo  
no lag

por carta regia de 20 de Novembro de 1530, as capitaniaes podião ser augmentadas pelas novas descobertas que fizessem.

Seguindo Garcia com a sua committiva, foi salúr depois de peniveis marchas, á margem esquerda do rio Paraná, acima do salto das seto quedas a transpondo o rio foi caminhando a rumo de O. até esbarrar com um aldeamento de guarany» á margem esquerda do Paraguay, acima do lugar em que hoje está Assumpção, que foi talvez a foz do Jejuy, lugar até então ignorado completamente pelos hespaubóes.

Garcia pôde merecer as symphias dos guarany» a ponto de augmentar consideravelmente a sua committiva com gente d'esta tribu.

Depois de muitos mezes de caminho, combatendo por vezes diversas bordas de indios, pôde chegar a Cusco, no Perú, de onde voltou a procurar novamente o aldeamento dos guarany».

Nos diversos combates que tivera com os indios, apoderou-se de muitos despojos consistentes em objectos de ouro, prata, cobra primorosamente trabalhados.

Chegando ao buscado alojamento dos guarany», fez segurar dous dos seus companheiros, acompanhados de alguns indios de S. Vicente para dar parte ao governador da capitania Martin Alfonso do resultado de sua expedição.

Com a ausencia d'estes, os traqueiros guarany», dos que descendem em parte os paraguayos, atacarão Garcia e seus companheiros, assassinando-os para roubarem os objectos de prata e ouro, isto a alta noite e quando todos dormião.

Apenas pouparão a vida a um pequeno, filho de Garcia com uma india da tribu, o que tinha o nome de seu pai.

Ainda hoje existem no Paraguay descendentes de Aleixo Garcia, segundo o testemunho do Sr. senador Pimenta Bueno, que até chegou a ver a habitação de um seu neto.

Só dez annos depois que os portuguezes havião chegado a este territorio, hoje paraguayos, foi que aportou ao lugar em que se acha Buenos-Ayres, D. Sancho del

Campo, por ordem de D. Pedro de Mendonça, governador hespanhol.

Durante a expedição deste governador, que abandonou Buonos-Ayres perseguido pelos repetidos assaltos de indios, e pela fome, foi que o capitão Salazar levantou uma pequena fortificação no lugar em que hoje se acha Assumpção.

Em 1541 chegou D. Alvaro Nunes Cabeça de Vacca a esta paragem por terra, como de sorpresa, tendo partido de Santa Catharina com quinhentos homens, dirigindo-se de L. para O.

Tudo isto porém teve lugar depois que os portuguezes já tinham feito taes descobertas, e obtido muitas riquezas, parte das quaes tendo sido roubadas pelos guaranys, e estas com ellas tendo presenteado, annos depois, á Sebastião Caboto, julgarão os hespanhoes que taes riquezas erão oriundas do lugar, e como ellas constavão pela mór parte do objectos de prata, ficou o rio de que supunhão ellas extrahidas com a denominação de Rio da Prata.

E se isto não convencer, perguntaremos quem era o Dr. Francia? Filho de Gaspar Rodrigues da Francia, brasileiro, natural da provincia de S. Paulo, e, se não nos falba a memoria, da cidade de Taubaté.

Vamos tratar finalmente de examinar se a ambição do execravel presidente do Paraguay pode-se apoiar no principio do *uti possidetis*, posse perpetua.

Já tivemos occasião de fazer evidente que os indios guaycurús são subditos hrasileiros desde o dia 1º de Agosto de 1701, a que esses indios habitão o territorio justamente pretendido pelo governo paraguay, desde o denominado rio Branco, o passo do Tarumã, abaixo do fecho dos mortos, até ás margens do Apa.

Por mais de uma vez taes indios têm dulo aos paraguayos provas bem amargas de que são seus irreconciliaveis inimigos; hja a vista o saque que elles fizeram no forte paraguay de S. José em 1º de Janeiro de 1802, e o cerco que deram no Olympo em 1830, e além disto repetidas correrias além do Apa em estabelecimentos seus.

Q  
dit  
los  
qua  
man  
que  
de a  
gum  
de it  
Assu  
Audi  
menc  
Para  
Apo  
lomes  
punta  
Havia  
Apo  
ra a  
Tio  
deput  
estas  
O G  
menc  
diario  
costo  
Tev  
uma re  
Paragu  
mão  
previa  
Nemco  
Comme  
partan  
ção na  
Tem  
vanta  
Fera

Que os ditos indios sempre forão considerados subditos brasileiros até pelo antecedente presidente D. Carlos, pai do viudoso e louco dictador actual, se vê do seguinte topico de uma carta escripta por elle ao nosso ministro de estrangeiros a 7 de Junho de 1853.

- V. Ex. sabe los inmensos danos, robos y perjuicios que esos barbaros han ejecutado en la administracion del dictador; y sabe tambien como se han portado y siguen portandose despues del restablecimiento de la buena inteligencia interrumpida por los sucesos del Pan de Azucar.

" Se S. M. Imperador no tuviere a bien trasladarlos a otro punto del Imperio a donde puedan ser menos peligrosos de turbar las buenas relaciones del Paraguay com el Brasil, tendremos en la derecha del Apa una cuestion permanente; y es por esto que en las instrucciones dadas al Sr. Castro, se ha tocado en este punto, como esencial para el buen arreglo en la hypothesis de la predicha neutralidad. "

Aproveitaremos este ensejo para dizermos duas palavras a nosso respeito.

Tivemos a franqueza de pronunciar na camara dos deputados em Agosto de 1858 um discurso contra as vistas e interesses do tyranno paraguayo.

O fallecido Sr. Castro Redactor, do *Jornal de Commercio*, tinha sido consul Paraguayo ministro plenipotenciario e até segundo consta-nos, correspondente nesta corte do D. Benigno Lopes, filho do dictador.

Tete o Sr. Castro tambem a franqueza de dizer-nos uma vez que haviamos apreciado mal os negocios do Paraguay com o Brasil, e sua má vontade foi tal deade ontão para conosco, que durante a nossa estada como presidente no Piaulhy, para onde partimos no fim desse mesmo anno, forão constantes, somente no *Jornal do Commercio*, na correspondencias, os artigos de descomposturas, e falsas apreciações sobre a nossa administração naquella provincia.

Temos porém consciencia de havermos nos defendido vantajosamente.

Fomos perseguidos por aquelles mesmos talvez que

tivessem o cuidado de transmittir ao fallecido Lopes, com a necessaria antecedencia copia das instrucções que levava o fallecido Sr. Pedro Ferreira de Oliveira para o Paraguay, por cujo motivo se mallogrou sua missão.

O que é fora de duvida, é que com a noticia da entrada da nossa esquadra nas aguas da Republica, tudo era confusão na Assumpção; as familias tratavão de sahir em carretas para fóra da capital conduzindo o que tinham de melhor, o proprio Lopes destinava retirar-se para sua quinta, que demora a duas leguas da cidade, e neste interim fundea no porto um vapor que lhe conduz cartas, que lhe tinham sido dirigidas desta parte; o presidente sahio logo só a passear pelas ruas, cousa rara, como prova de que nada mais receiava e a população se tranquilliza immediatamente! . . .

Deixemos estes factos velhos e já esquecidos.

Voltando ao principio da *uti possidetis* dremos mais que o Sr. senador Barão de Antonina, possui mesmo a margem do Apa um extenso terreno proprio para a creação, e muitos outros fazendeiros de Miranda tem para ali seus retiros.

Sempre foi costume nosso, desde tempos immensoriaes, mandarmos escoltas por essas campanhas fazer a necessaria ronda, e essas escoltas sempre chogávão a margem do Apa, defronte do forte Paraguay Bella Vista e se uma vez cauzou isto reparo, não foi por se nos negar o direito incontestavel de rondar terreno nosso, mas porque em vez de 8 a 10 homens como de costume, apresentouse em frente do forte uma escolta numeroza.

A margem esquerda do Rio Apa, desde sua confluencia no Paraguay até o lugar em que se acha o forte Paraguay Bella Vista, existem, além deste, mais cinco fortes que são Rinconada, Gavillan, S. Carlos, Apatuya e o da confluencia, todos levantados necessariamente para a defesa da fronteira da Republica. Se pois tres fortes fóraõ ahí dispostos em linha de O para Leste abeirando o Rio, como razoavelmente suppor-se que com elles tiverão em vista os paraguayos defender seus pretendidos limites pelo sonhado Rio Branco, que está ao N. do Apa mais de 25 leguas? Seria isto um contrassenso.

E' pois fóra do toda a duvida que quando os Paraguayos levantarão taes ortos a margem esquerda deste Rio estavão, e ainda estão, plonamente convuencidos do que seu direito não se ostendo além deste ponto, e consequentemente nunca houve, e nem agora ha, usurpação alguma de nossa parte, do territorio paraguayoy.

Ainda em 1880 o fallecido Lopes incumbira ao engenheiro Belga Barão do Graty de examinar todos essas fortas, e tirar a planta do dito rio, indicando a velocidade de sua corrente, sua profundidade em diversos logares e a possibilidade de se crear nelle outros meios de defeza.

Pelo lado do Rio Paraná pretende o governo Paraguayoy que os limites da Republica se ostendão até o Ivinheima; mas dentro dessa territorio desejado possuímos a colonia militar dos Dourados a margem do rio do mesmo nome, muitas fazendas de brasileiros, os aldeamentos dos Cayuas e do guarany, cujos indios habitao até a margem esquerda do rio Iguatemy. Não ha seia mezex ainda que dous caciques destas tribus são até a capital da provincia do Matto-Grosso, acompanhando o missionario capuchinho Frei Angelo de Caramonico, que se acha a testa de seus aldeamentos, declarar que elles e todos os seus são brasileiros, apesar de queresem muito os paraguayos que elles sejam seus amigos.

Forão pedir instrumentos para o trabalho de agricultura em que pretendem empregar-se nos aldeamentos do Ivinheima e Santa Maria, segundo uma carta de 28 de Novembro do anno findo, que nos dirigiu da cidade de Cuyahá aquelle exemplar missionario que alli se achava com os dous caciques, enviando-nos tambem outra carta para o Exm. Sr. Barão de Antonina, a respeito mesmo do aldeamento de taes indios que são muito aficcionados ao dito barão de quem já receberam em tempos anteriores muitos presentes.

Já tivemos a beira do Iguatemy, a praça dos Prazeres cuja posse ainda não declaramos por acto algum ter abandonado.

E qual será o monumento da posse que possa o Para-

guay apontar ao norte do Apa e do Igustemy que possa justificar a sua ousada pretensão?

Para que pois essa arrogante manifestação de que tem de reivindicar espaçozos terrenos, a que se julga com direito na provincia de Matto-Grosso?

Apezar de, todas estas poderosas razões e sanguinario despotas do Paraguay ouzou violar o nosso territorio. A honra e a integridade nacional soffredão profundos danos.

Temos o direito perfeito de repellir a affronta, e de fazer desaparecer no Paraguay qualquer idéa de dominio acima do Apa, ainda mesmo no forte Olympio que deverá ser arrazado.

## CAPITULO X.

MEJOS DE DEFEZA E DE PAZRE-SE A GUERRA ABSIM NA PROVINCIA DE MATTU-GROSSO COMO PELO LADO DO SUL DO PARAGUAY—HIMAITÀ—RIO PARAGUAY ATÉ ASSEMPÇÃO.

Pela necessidade indeclinavel em que nos achamos de repellir a affronta do regulo paraguayo, e de lavar completamente essa nodôa que de outro modo nos envergonhará para sempre, tem precisão o nosso governo, em quanto dura a luta com Montevideo, de enviar para a provincia ultrajada de Matto-Grosso artigos bellicos de que ficou muito desfulcada pelos ranhos e estragos dos paraguayos, e principalmente forças de que ella estava inteiramente destituida, razão por que quasi nenhuma resistencia poude offerecer a invazão dos barbaros.

A republica do Paraguay deve ser atacada pelo sul, pelo norte, e se fozza possível tambem pelo lado da provincia do Paraná.

O imperio tem muita gente disposta a pegar em armas, tanto que os voluntarios formigão de todas as provincias, e o paiz levanta-se como um só homem para es-



magar o perfido que traiçoeiramente cravou-lhe o punhal assassino.

Não ha pois receio de que nos falem braços patrióticos para a defesa da honra e integridade da patria villipendiada.

Não, não pensemos nisto, sobra-nos recursos e soldados.

No que convem que se considere é sobre o modo ou maneira de, sem perda de tempo, transportarmos esses poderosos recursos nos pontos em que elles se fazem necessarios.

Não devemos recejar das bravatas do governo paraguayo, nem fazer cara as despezas que os acontecimentos exigirem; gastemos cinco para ganharmos dez, afim de que a final não sejamos obrigados a gastar dez para ganharmos cinco.

Esse governo nao poderá dispor de mais de 35,000 homens, entre bons e maus, cuja força se acha disposta do modo seguinte: 10,000 em Matto-Grosso, 10,000 em Assumpção Serro Leon e villa Rica, 10,000 em Itapua e suas immediações e 5,000 em Humaitá.

O Brasil pôde levantar um exercito tres vezes maior. Porém para que? A superioridade numerica nem sempre pôde fazer crér na infalibilidade da victoria.

Ainda em um dos ultimos numeros do *Semnanario* buscou o grão saltador paraguayo que podia elevar o seu exercito a 120,000 homens. porém isto não passa de bons desejos, e fanfarrouagem.

De que valeu a Xerxes o seu exercito de tres milhões de soldados, e a sua esquadra de mil e duzentos navios, contra o heroismo e obediencia dos gregos?

Os proprios paraguayos devem-se lembrar dos revezes e vergonhas que soffrerão em 1801 em Coimbra, em 1802 no forte de S. José, em 1850 no Pão d'Azucar e Olymno, a 27 e 28 de Dezembro ultimo outra vez em Coimbra.

Pena foi que se não esperasse pela chegada do Sr. Castro Menezes, que descia do Corumbá com dous vapores e soccorros, que se havia pedido pelo vapor *Jaurú*.

A força publica quando é real, e não phantastica como

cremos ser essa que o Paraguay blazona de poder pôr em campo, é na verdade um elemento garantidor da ordem, assim em relação as questões internas, como externas de um estado.

E a força quanto mais poderosa, e *convenientemente disciplinada*, tanto maior será o respeito que se tributará ao estado que a possuir.

Esta força, porém, para produzir este efeito moral, deve basear-se na espontaneidade, na livre vontade dos individuos que a compozerem, do contrario servirá authenticamente de instrumento cego de qualquer tyranno, como se acontecer com a do Paraguay, por isso mesmo ridicularisada, e sem prestigio não só dentro do paiz como fóra.

Uma força respeitavel, e em boas condições de disciplina e moralidade, por si só faz com que se aplanem com facilidade todas as difficuldades, e com que outros estados se torneu menos arrogantes e caprichosos.

O douto padre Antonio Vieira, que tambem foi politico de primeira força, e cujos conselhos são ouvidos com attenção, escrevia de Roma em 8 de Outubro de 1672 ao Marquez de Gouvêa o que se vai ler: ' Se eu não conhecêra os arcanos de Portugal, e até ordo chegado as chaves do seu segredo, consolára-me com as conatderações d'este; mas todos os nossos pensamentos sabem-se primeiro no mundo que nos conselhos d'estado; e ainda que estes sahirão muito acertadas como eu presumo, e fossem muito secretos, as razões não são as que sustentão os estados, senão as execuções: e estas nem as ha, nem as pôde haver sem inéiua. De boa vontade trocára eu todos os nossos segredos e conselhos com que se soubea em França, Inglaterra e Castella, que tínhamos no Tejo uma muito poderosa armada, e muita dinheiro com que armar outras, e grandes exercitos, quando nos fossem necessarios; porque só isto causa respeito aos inimigos, e mantem o amor, ou correspondencia dos amigos.

A experiancia nos acaba de mostrar a senyatez, e prudencia d'este conselho.

Entretanto o patriotismo e os brjos dos brasileiros em

poss  
no  
diz  
De  
crise  
colm  
Ja  
guy  
Nô  
este  
natig  
de d  
tudo  
acert  
circu  
Fr  
com  
regal  
de 30  
Cand  
Fr  
ção a  
poco  
trata  
para  
D. Ve  
unco  
abola  
e fog  
com  
prop  
das  
e não  
civil  
En  
modo  
to. Pa  
pova  
Da

pouco tempo nos collocarão em estado de corresponder ao que teve em vista aquelle sabio sacerdote em seu elevado pensamento.

Desburatados os saltendores de Montevideo, tom necessariamente o Brasil de virar suas armas contra o insolente caudilho paraguayo.

Julgamos que pela parte do sul, a republica do Paraguay pôde ser atacada assim pelo rio, como por terra. Não sabemos quaes são as vistas do nosso governo a este respeito, nem quaes são as difficuldades que se lhe antepõem, por isso apenas mostraremos a possibilidade da entrada de nossas forças no Paraguay, segundo nosso entender, olhando o governo como julgar mais acertado em sua sabedoria e experiencia, em vista das circumstancias.

Primeiramente cremos que o nosso exercito poderá reunir-se em S. Borja, na provincia do Rio Grande, e d'ahi seguindo a direcção de N. e percorrendo uma extensão de 20 leguas, estará á margem esquerda do Parauá, na Candelaria, defronte da povoação paraguaya de Itapúa.

Transpellido este grande rio, desembarcará na portação acima, lançando mão dos recursos que encontrar ou promptificar-se, pois n'estes casos a mesma guerra, sustenta a guerra, e os mesmos successos fornecem meios para novos successos; portanto preparado o preciso para começar, tudo mais por si se encaminhará. O general D. Venancio Flores matou no Estado Oriental, ha dous annos, mais ou menos, com 4 companheiros e sem dinheiro; hoje está senhor de todo o estado, devido isso a força moral que lhe tem graueado a justiça de sua causa, respeitando, quanto tem sido possível, a vida e a propriedade alheia.

Assim o Brasil tem por si a justiça e a razão publica, e não encontrará tropeços em sua missão de honra e civilisadora.

De Itapúa ha caminho seguido até Villa Rica, passando por Habi, Yuty e Cuazapa, e do mesmo modo que no Paraná, vencer-se-ha a insignificante difficuldade que possa apresentar a passagem do pequeno rio Tibiquary.

De Itapúa á villa Rica medeirão 40 leguas portu-

quezas, e de villa Rica a Assumpção 15 leguas passando por Paraguay. Em todos os logares encontrar-se-ha recursos e boa vontade da população paraguaya. principalmente se o nosso governo souber tirar partido de alguns capatriados inimigos de Lopes que existem em Buenos-Ayres, visto como são conhecidos ao paiz e fallão a lingua geral — o guarany.

Não dizemos isto sem fundamento; já nos achamos quatro vezes na Assumpção, Conceição e S. Salvador, e estamos convencidos do que Lopes tem debaixo dos pés um vulcão que vomitará uma ardentes lava, logo que se lhe proporção um respiro.

Ainda de Itapúa ha outro caminho a esquerda que passa por Santa Rosa, Capucú, Paraguay até Assumpção com quasi igual distancia.

O que convém observar-se e attender, é, que o perigo deve provenir-se em razão composta do gráo da apparencia, e da grandexa do mal de que se é ameaçado. Vattel Liv. 3<sup>a</sup>. Cap. 3<sup>a</sup>, § 44.

O terreno paraguayo é em geral plano, com poucas elevações e collinas. Contra a opinião dos que pensão que o nosso exercito encontrará grandes difficuldades em atravessal-o por causa dos pantanos, faremos lembrar que da serra de Maracajú, nas vertentes do rio Iguroy, parte uma ramificação em direcção do NO. até uma distancia de 8 leguas de Assumpção, e d'ahi volta em direcção de SE. até pouca distancia de Itapúa, sendo esta a unica cordilheira que se encontra em todo o interior do territorio paraguayo. A' maior ou menor distancia desta terra, mas em terreno firme e plano, passa-se sem grandes embarceos para Assumpção.

Se nos for possível conduzir nossas forças embarcadas, o que nos parece fóra de duvida, a vista dos tratados existentes, e entre elles do convenio de 21 de Novembro de 1831 com Entre-Rios e Corrientes, convenio depois ratificado por toda a Confederação encontrar-se-ha facil desembarque no logar chamado as tranqueiras de Loreto, a margem direita do Parana, em territorio Paraguayo, e deste ponto procurando as povoações de

S. Ti  
cana  
Ca  
venie  
vá pe  
pontc  
do d  
supre  
focill  
cio.  
Ante  
Tu  
salia  
o inci  
poca  
modo  
pente  
ha u  
a fac  
Piar  
comp  
Se  
maia  
maio  
pelo  
povo  
En  
que a  
tura l  
segú.  
No  
locas  
mas  
infer  
ceber  
vicio  
passa  
deba  
Al  
della,

S. Thiago, S. Ignacio e S. Miguel encontrar-se-ha o caminho de Itapúa a villa Rica de que já tratamos.

Chegando o nosso exercito a meio caminho será conveniente que se destaque della uma força sufficiente que vá procurar a margem Oriental do rio Paraguay no ponto mais conveniente para interceptar a communicação de Humaitá com a capital, sendo mesmo necessario improvisar ahi, quando não se encontrar prompto, uma fortificação com algumas peças rainadas para pôr obstaculo á descida e subida de vapores de Humaitá para Assumpção e vice-versa.

Pouco acima da barra do Paraguay com o Paraná, subindo por este seis milhas, a sua margem direita, está o insignificante forte — la Patria — dos inimigos com 80 praças; por detraz deste forte ha terreno firme chamado — Campo Santo, e este terreno se estende até a pouca distancia do Humaitá pela sua face de L.; d'ahi ha um atterro que segue até encontrar o caminho que, a face do N. do forte, se communica ás povoações do Pilar, Franca, Oliva, Villeta, indo terminar em Assumpção.

Se convier ao governo brasileiro atacar logo o Humaitá, o que não nos parece prudente, visto haver outros meios, igualmente efficazes de tomarmos um desforço pelos insultos e carnificinas do caudilho, não será impossivel a tomada do famoso forte.

Primeiramente não é bem cabido o nome do fortalozza que se da a Humaitá. O rio ali apresenta uma curvatura bem pronunciada para l., formando como que um angulo recto.

No vertice deste angulo existe uma casa-matta, cujas bocas do fogo em numero nao excedente a 10, se dirigem umas para a parte superior do rio, e outras para a parte inferior, do sorte que um vapor subindo, começará a receber de certa distancia fogo pela prôa, ao chegar ao vertice do angulo receberá fogos cruzados, e se conseguir passar, soffrerá pela pôpa, e por causa do canal passará debaixo das baterias.

Além desta casa-matta, existem de ambos os lados della, e estendidas pela margem do rio, peças destacadas

em seus pequenos telheiros; contando-as com cuidado quando por ali passamos pela ultima vez, achamos serem todas, incluídas as da casa-matta. 129, numero que hoje nos consta ter sido elevado.

Já se vê, pelo que fica descripto, que Humaitá tem impropriamente o nome de fortaleza, é simplesmente uma costa fortificada.

Um vapor encouraçado, não calando mais que 12 palmos, pôde passar em todo o tempo, mas se calar mais, só o poderá fazer sem risco de encalhar na occasião das cheias.

Na parte inferior do cotavello que fórma o rio, em que se acha a casa-matta, mas não em maior distancia do que pôde alcançar um tiro de canhão. ha uma ponta de pedras que occupão ou se estendem por uma boa parte do leito do rio, formando por isso um grande rebojo pela opposição feita a corrente. Do lado debaixo destas pedras faz o rio uma enseada onde suas aguas se misturao com as de um banhado que costea a barraça por parte de leste, e que vai-se estendendo até ser cortado pelo aterro de que fallamos, pelo qual se communica o forte la patria, da margem do Paraná, com Humaitá. Entre o banhado e o terreno firme do forte existem tres estacadas de grossos madeiros.

As ditas pedras que se escondem por um terreno barronito e elevado, em que ha até algum matto, formão em tempo de enchente uma ilha pequena cercada pela face do O. pelo rio, á L. pelo banhado e ao N. por uma sanga que liga o rio com o banhado, e sobre esta sanga ha uma ponte de madeira pela qual ha communicação entre a ilha e a parte superior da praça.

Nu tempo secco esta sanga tambem secca de formu que fica vedada a communicação por canúas entre o rio e o brejo.

Da enseada formada por esta ponta de pedra é facil fazer tiro sobre a praça, principalmente tomando por balisa as torres da igreja.

Na parte superior d essa elevada barraça, em que se achão estendidas as baterias, entrão pelo mesmo lado

no Paraguay dous pequenos braços de um arroio, que por assim dividir-se, chamão-se las Hermanns.

Este arroio vai-se communicar com outros linhados que existem por detraz do Humaitá, mas sobre elle ha outra ponte de madeira, cuja extremidade norte, dá para um caminho de aterro, que unindo-se com o que vem do forte la patria, seguem a direcção da povoação do Pilar, e d'ahi conformes já descrevemos, até a capital.

Sobre a ilha de pedras de que tratamos existem poucas peças mal collocadas.

No ponto em que se acha a casa-matta a barranca foi cortada verticalmente, mas pela força que ali faz a corrente do rio, que primeiramente vindo de encontro a ella, tem de virar depois pela resistencia encontrada, esta circumstancia ha ocasionado grande estrago em seus alicerces, de modo que tem sido necessario levantar-se estacada, unida ao paredão e não sendo isto sufficiente tem sido reforçada por grande quantidade de pedra solta atirada junto a barranca, que nem assim está livre da destruição.

O rio aqui não tem maior largura que duzentas braças e a barranca do lado opposto não é muito baixa, tanto que ali avistamos algumas casas de palha e ranchos.

A largura do Paraguay desde as tres bocas até Assumpção varia de 200 a 300 braças, excepto da altura da Villeta para baixo até a rinconada de Naranjay, e no ponto do Passopé, onde elle se alarga mais e ha alguns baixios que inspirão cuidado, sem um bom pratico.

Sua profundidade, na mesma distancia, é sufficiente para navios que calem até doze palmos, isto em todas as estações, mas nos mezes de Junho e Julho em que as aguas sobem a maior altura, elevando-se a dez e quinze palmos acima do nivel da secca, podem subir embarcações de muito calado.

Em Abril de 1846 subiu o vapor francez *Fulton*, que calava, segundo disse o pratico que o guiou, de treze a quatorze pés, quasi vinte palmos, e então já as aguas estavam alguma cousa crescidas. Entretanto o *Fulton* não pôde passar do Lambaré para cima, e d'ahi para baixo só com grande trabalho de explorações, muitas





**Distancias calculadas do Cerrito, na ilha do Atajó,  
ate Assumpção, em milhas maritimas.**

	MILHAS	DECIMOS
Do Cerrito as Tres Boccas . . . . .	4	2
Das Tres Boccas a Curupaiti . . . . .	12	7
De Curupaiti a Humaitá . . . . .	5	9
De Humaitá a Taji . . . . .	3	2
De Iajy a villa do Pilar e rio Verme- lho (margem Occ.) . . . . .	2	8
Do Pilar a Aldéa . . . . .	5	2
Da Aldéa ao rio Tibiquary . . . . .	21	8
Do Tibiquary a Herradura . . . . .	8	1
De Herradura a villa Franca . . . . .	15	3
De villa Franca a Remolinos . . . . .	4	9
De Remolinos ao Formoso (marg. Occ.) . . . . .	5	7
Do Formoso a Agatapé . . . . .	11	0
De Agatapé a Sangita . . . . .	5	0
Do Sangita a villa de Oliva . . . . .	6	7
De Oliva ao riacho Saladillo . . . . .	1	6
De Saladillo ao Orango (margem Occ.) . . . . .	4	2
De Orango a Naranjay . . . . .	3	0
De Rinconada de Naranjay a Mortero . . . . .	7	7
De Mortero ao riacho Paray . . . . .	5	8
Do riacho Paray a Passo-pé . . . . .	4	7
De Passo-pé a Nhumdialy . . . . .	5	0
De Nhumdialy a Passo Laguna . . . . .	1	6
De Passo Laguna a Santa Roza . . . . .	7	4
De Santa Roza a Palmas . . . . .	6	9
De Palmas a Angustura . . . . .	5	9
De Angustura a Villeta . . . . .	4	8
De Villeta a Lambaré e rio Pylcomayo . . . . .	9	5
De Lambaré a Assumpção . . . . .	7	0
Somma do Cerrito a Assumpção . . . . .	187	6

— 96 —

## CAPITULO XI.

MEIOS DE PREPARAR-SE FACILMENTE A PROVINCIA DE MATTO-GROSSO. CAMAPUAN.

Tem necessariamente o nosso governo de enviar artigos bellicos e forças para a provincia de Matto-Grosso.

Pelas descrições dos roubos feitos pelos paraguayos se comprehende que a provincia perdeu importantes munições de guerra, assim em Coimbra, como em Neock Miranda, Corumbá, e Dourados.

Qual devo ser a estrada preferida para a remessa do gente, e munições?

A estrada de Minas Geraes, que passa junto a S. João d'El-Rei, pela Victoria, procurando a Formiga. Patrocínio, Catalão até a capital de Goyaz, não é má, tem muitos recursos e é bem cuberta, mas os Cuyabanos a deixarão somente pelos encommodos que seffrião na matta entre esta provincia do Rio e a de Minas, por quanto havendo grande falta de pastos sahinc as bestas de dentro das mattas quasi inserviveis por muitos dias.

Hoje porém com a existencia das estradas de ferro de D. Pedro II. e com a da União e Industria que podem fazer com que as tropas nao se aproximem tanto da corte, acreditamos removido este inconveniente. Apresenta ella maior distancia que a de S. Paulo, porém sem o inconveniente do embarque desta corte para Santos.

Por ella já transitamos duas vezes, sendo uma com familia, e não temos razão de queixa; encontramos por toda a parte gente muita hospitaleira, e muita fartura de viveres para a nossa comitiva, e de milho para a tropa.

A de S. Paulo tambem não é má, e por ella igualmente já passamos duas vezes.

Mas para preferir uma ou outra nesta emergencia necessita-se saber se os socorros são dirigidos para Cuyabá, ou se para Corumbá ou Miranda, ao sul da provincia de Matto-Grosso.

A ser para Cuyabá julgamos preferivel a de Minas,

por  
aqu  
a po  
a que  
Claro  
anim  
segui  
gotic  
A s  
se pro  
dent  
lyba  
De  
S. Jul  
Des  
ta Am  
0 1  
0 2  
circu  
0 2  
atras  
trasp  
Salto  
Des  
mada  
e a de  
tancia  
churas  
mais a  
que a  
Pela  
do do U  
Neock  
noia,  
nooaa.  
Por  
mais de  
em Me  
comativ  
socio q

por quanto a estrada de S. Paulo que se dirige para aquella cidade, chamada do sertãozinho, passa tambem a pouca distancia da capital de Goyaz indo unir-se com a que sahe directamente desta corte na passagem do Rio Claro, quatro marchas adiante da cidade de Goyaz, e assim torna-se excusado ir a S. Paulo para de lá seguir. Por esta parte, ha dous dias com familia o negociante de Cuyabá J. S. Rondon,

A ser para Corumbá ou Miranda, de necessidade deve-se preferir a de S. Paulo até S. Bento de Araraquara e deste logar procurar a villa de Santa Anna do Paranahyba.

De S. Paulo vai-se a Jundiaby, Campinas, Limeira, S. João do Rio Claro e S. Bento de Araraquara.

Deste ponto seguem tres caminhos que vão ter a Santa Anna do Paranahyba,

O 1º passa por Itapura.

O 2º passa com mais volta por S. Francisco do Salles atravessando o Turvo e o Rio Grande.

O 3º, com muita volta, porém muito melhor estrada, atravessa pelo arraial dos Barretos, freguezia do Frutal, transpondo o Rio Grande até o já citado S. Francisco do Salles e Santa Anna do Paranahyba.

Desta villa partem dous estradas; uma a direita chamada do Pequery que é mais curta que a do Sertãozinho e a de Minas, porém sem recurso algum até a pouca distancia de Cuyabá, e além deste inconveniente com as chuvas ella se alaga em muitos pontos, precisando de mais a mais atravessar-se o rio Pequery e S. Lourenço, que são caudalozos.

Pela da esquerda pode-se dirigir a Camapanã e ao porto de Coxim, de cujos logares ha fácil communicação com Neock, Miranda, Alhuquerque, Corumbá e Pão de Açúcar, que sem demora, deve ser occupado por forças nossas.

Por essa estrada de Santa Anna a Coxim, que não tem mais de 80 leguas, passou o Sr. Barão de Villa Maria em Maio e Junho de 1863, com tropas cavallada, e uma comitiva de 80 pessoas entre escravos e camaradas, do sorte que tendo partido de Sorocaba, onde foi munir-se

de animaes a 12 de Maio, a 20 de Julho chegou a sua fazenda das Pirapitangas na freguezia de Albuquerque em Matto-Grosso, com 2 moças e 8 dias de viagem, sem o menor prejuizo, nem encommodos por molestia ou falta de viveres, segundo o seu proprio testemunho.

Ainda agora o mesmo Sr. Barão, em consequencia da invazio paraguaya, teve de auxentar-se com sua familia de sua fazenda, e partindo no dia 5 de Janeiro da margem oriental do Paraguay, entre as harras de Taquary e de Miranda, chegou com nove dias de pouvel e arriscada viagem, atravessando pantanaes e Corixas, a Coxim trazendo em sua companhia sua senhora um filho de oito annos de idade, treze escravos e dous camaradas.

De Coxim a Santos, passando por Santa Anna, gastou vinte dias, de sorte que no todo, da margem oriental do Paraguay até este ultimo porto, completou a sua notavel viagem com vinte e nove dias de caminho.

Julgamos preferivel o ponto ou fazenda do Camapuon para a reuniao da nossa força.

Dahi ella poderá ser dividida para as operações necessarias, porque deste importante logar, pôde partir com facilidade contingentes para todos os pontos da fronteira onde seja necessario, conservando-se sentinellas pela campanha para darem qualquer aviso.

Além disso este ponto é seguro e offerece facil defeza pela sua pozicao, sendo impossivel que o inimigo se animo a chegar até ahi.

Camapuon, já quando por ahi passou em 1751 D. Antonio Rolim de Moura, que ja como governador para Matto-Grosso, pela via fluvial do Tieté, Paraná, Rio Pardo etc. achou alli uma casa de sobrado espaçosa, levantada em um pateo feichado e de consideravel tamanho, e além do sobrado havião mesmo dentro do pateo outras casas terronas espaçozas e uma boa capella. Vê-se pois que offerece proporções vantajozas para conter a força. Descrevendo o logar, disse aquelle general que encontrou muito milho, farinha, feijão, atroz, porcos e gado.

Hoje não haverá tudo isto, mas existem as casas, e os viveres poderão ir da villa das Aboboras, de Santa Anna, e de muitas fazendas de cultura e criação que por ahi

estilo  
Mar  
Pa  
do qu  
vigo  
mar  
pocas  
pode  
suger  
d'essa  
Ha  
largo,  
da de  
Em  
Alva  
e relig  
travess  
Paulo  
And  
outro l  
opava  
trada  
outros  
são oc  
ovello  
comun  
reges,  
além d  
que m  
os d'ac  
cossel  
O col  
estrada  
  
A estru  
Farr  
A de S.  
sahr

estão espalhadas, sendo uma das principaes a do Sr. Martinu Gabriel de Mello Taques.

Para ajudar o provimento de boca julgamos bem acertado que acompanhe a força uma companhia de campeiros, cuja missão será supprir de caça a expedição, porque é incrível a quantidade de antas, veados, porcos, cotias, pacas, mutuns, jacás, perdizes e patos que se encontrão, podendo diariamente obter-se quanto seja preciso para supprir qualquer falta de carne, ou de outro genero. Além d'essas caças ha extraordinaria quantidade de peixe.

Ha 137 annos que foi concedida a Luiz Rodrigues Villares, de S. Paulo, a sesmaria para a fundação da fazenda do Camapuan (1727).

Em 1740 o possuidor Villares fez sociedade com André Alves da Cunha, cujo fim social era a plantação de viveres e criação de gado para supprimento das monções que transitavão entre as capitánias de Matto-Grosso e S. Paulo, no que fizeram grandes interesses.

André Alves da Cunha retirando-se para situar-se em outro lugar levava consigo muitos escravos e outros bens equivalentes ao que elle possuia como socio. Com a retirada de André Alves em 1781 entrarão na fazenda outros administradores que afinal todos se consideravão socios, mas que sabião com o que julgavão pertencer-lhes. Além disto um neto de André Alves o fallecido commendador Manoel Alves Ribeiro retirou, por diversas vezes, escravos da dita fazenda até o numero de 100 além de outros bens; portanto hoje cremos ser de justiça que este estabelecimento pertença a seus legitimos donos, os descendentes de Luiz Rodrigues Villares, que são o conselheiro Villares, o barão de Itapetininga e outros.

O calculo que fazemos das distancias das diversas estradas por nós apontadas é o seguinte :

Leguas.

A estrada de Minas, passando pela Victoria, Formiga, Goyas, etc . . . . .	300
A de S. Paulo passando pelo sertãozinho e indo sahir ao rio Claro. . . . .	300

A mesma de S. Paulo por S. Bento de Araraquara, Sant'Anna, Pequiry até Cuyabá. . . . .	270
A mesma por S. Bento, Sant'Anna a sahir ao Coxim até Corumbá. . . . .	320
A mesma pelo mesmo rumo até Sant'Anna, passando por Camapuã até Miranda e Nicot. . . . .	200

Não fallamos do meio de communicacão pelo Paraná e Ivinheima porque não é possível duvidar-se que os paraguayos hoje não tenham tido a precaucao de collocar nua força na foz deste rio com o Paraná para nos interceptar a passagem.

Nenhuma das ditas estradas porém merece o nome de boa, sendo preciso em alguns pontos fazer-se pontes da noite para o dia, aterros, etc., como por vezes assistimos, pelo que não se pôdo precindir dos conselhos e experiencia de um homem pratico.

Seria de summa conveniencia o estabelecimento de uma linha telegraphica, que passando por Ouro-Preto e Goyaz fosse terminar em Cuyabá.

Com esta providencia lucraria muito e muito o paiz.

Calculamos não ser necessario mais que 800 contos para isso, porque é impossivel que despenda mais de dous contos por legua, e já mostramos que desta côrte a Cuyabá pela estrada de Minas, são 300 leguas.

Do rio Araguaya a Cuyabá será preciso estabelecer-se, de distancia em distancia, destacamentos de poucas praças para guardar a linha, assim contra os actos de vandalismo de algum desalmado tropeiro, como contra a destruição dos indios selvagens.

E nem creia o governo que esta despesa ficaria improductiva.

Em cada ponto em que houvesse um destacamento, se formaria um nucleo de população, que se applicaria a lavoura e a criação; e d'este modo insensivelmente se iria povoando o interior do paiz, que tanto se recente de falta de população.

Estes destacamentos poderião tambem servir para coadjuvar a condução de malas para esta côrte com a

maior brevidade possível ainda com o encargo de fazerem, nos intervallos, os concertos da estrada entre os diversos pontos em que forem distribuidas as guardas.

Difficuldades se nos ant'olhão a cada passo, mas tenhamos coragem e resolução de vencel-as, que ficarão vencidas; em todo o caso convém que o nosso governo de hoje em diante encare melhor para os negocios do paiz, que sem duvida alguma tem sido pessimamente dirigidos por todos os governos, assim liberaes como conservadores.

Não se tem procurado os homens para conjuvição da alta administração do paiz pelo que elles valem, mas pelo que fingem valer.

E quando avançamos a proposição de que os negocios do paiz tem sido pessimamente dirigidos, não declamamos, porque ahí estão os factos em nosso apoio, e senão examinemos.

O estado da lavoura é desanimador, seus empenhos são horrorosos, e não conhecemos agora um só lavrador que se mostre satisfeito.

A colonisação já cahio em desuso ou no esquecimento.

O commercio, por consequencia, está em crise; respeitvois banqueiros fallirão, a desconfiança é geral, e ahí corre impressa uma lista de 51 casas que forão arrastadas nessas grandes rêdes.

A marinha e o exercito estão desprovidos de gente e de meios, e ahí vemos o governo, ás carreiras, lançando mão de medidas extraordinarias para as urgencias do estado, e mal de nós se não fosse o patriotismo dos brasileiros.

O estrangeiro nos insulta a cada momento, e por sua vez até o salvagem do Paraguay; serias complicações difficultão a gerencia da pasta respectiva.

As provincias achão-se n'um estado de abatimento increditavel, sem vida, sem iniciativa; e por educação e costume suas vistas se convergem todas para a côrte, que encaráo como fonte de todo bem e de todo mal.

A magistratura ahí se arrasta manietada, dependente sujeita a decretos do aposentadoria, soffrendo miseria, porque infelizmente um rapaz enquanto estuda tem 100\$000 de moçada, e passando a ser juiz municipal ou promotor passa a ter 50\$000, quantia que hoje ganha qualquer criado de servir.

Cada uma das nossas secretarias é um labyrintho de Creta, onde quasi todos os papeis, apexar da boa vontade de alguns empregados, desaparecem debaixo do peso das informações, e se algum escapa dessa barafunda é por milagre quasi sempre de alguma Ariadne.

Muito longo poderíamos lavar a nossa ladinha, mas como não estamos no mez de Maria fazemos ponte.

Entretanto nos relevarão que perguntamos: — Não será exacto que nada temos feito e que tudo se achia no peor estado possivel?

De quem será a culpa? Será do povo? Não, porque o povo concorre todos os annos com mais de 50 mil contos para satisfação dessas necessidades publicas; além disso nada mais elle pôde fazer n'um paiz em que a centralisação politica e administrativa se achão elevadas ao mais subido gráo, e o systema tutelar em seu inteiro vigor.

Deixemos estas considerações pouco agradaveis, e tormitemos com o que nos resta dizer sobre o Paraguay.

Antes do concluirmos convém que façamos ainda algumas observações, que com a pressa com que escrevemos, forão faceis escapar-nos.

Com referencia a Humanitá esquecemo-nos de declarar que das duas altas torres da Igreja se avista todos os pontos do acampamento, assim como o forte la Patria, a beira do Paraná, e os navios que chegão as tres bocas.

No lado opposto ao acampamento, a margem Occidental do rio, onde existem as casas e ranchos de palha do que fallamos, tambem existe, encoberta por um espesso matto, uma bateria com peças de grosso calibre que ficam em frente á ponta de pedra que fôrma o rebojo de que já tratamos em occasião competente.

Uma das razões que nos induzem a não julgar prudente expôr-se um vapor, principalmente construido de madeira, a um chuveiro de balas, nesse passo, tanto mais havendo outros meios de chegarmos ao mesmo fim, é pelo receio do que, acontecendo ir a pique um vapor, ficará o canal obstruido, e mais difficil se nos tornará a entrada e tomada do acampamento. Deve haver, porém, a nosso favor um contrapeso, que consistirá na difficuldade de accerto do pontaria das peças da casa-matta, porque esta é construida de modo, que a

este  
lato  
tão  
mã  
Ca  
estã  
de p  
lão.  
com  
estã  
lomb  
cto  
que  
Pa  
divi  
estã  
que  
cont  
evoc  
podr  
da.  
de  
mas  
Nã  
existe  
de, m  
Ten  
exib  
tes a  
lento  
to e p  
somo  
nal d  
Inglat  
forão  
despa  
hãtoe  
Itã  
marco  
reio  
em coll  
tar a  
Parag.



fumaça, produzida pelos primeiros tiros, principalmente havendo algum vento sul, embarçará muito os seus artilheiros em darem direcção á bala a um ponto determinado.

Calculamos que 20,000 homens do exercito Paraguayo estejam bem armados, com armamento todo moderno e de grande alcance e por isso convem que os nossos tubos sejam convenientemente armados para que, não coisecem a ser dizimados pela fuzilaria paraguaya antes que estejam em distancia de poder offendel-os e se tiverem a lembrança de irem recuando, a proporção que o nosso exercito for avançando, muito nos poderão prejudicar, senão que entretanto soffrão grande perda.

Parecerá a algum espirito misterioso que isto não se devia escrever, mas escrevemos por que julgamos fazer, deste modo um serviço real, visto que acreditamos que para segurança do triumpho e da victoria, devemos contar só com força com que entrarmos, e não com as eventualidades que assim como podem ser favoraveis, podem ser muy prejudiciaes, e de muy funesta consequencia. Um exercito numeroso e bem armado dá animo aos que o compoem desalenta o inimigo, e concorre poderosamente para poupar sangue, dinheiro e vergonha.

Não devemos tambem nos esquecer que no Paraguay existem 10 vapores de guerra, ainda que, pela mayor parte, extragados.

Tom-nos chegado noticia que do Bueno-Ayres tem subido escunas particulares, pela mayor parte pertencentes a italianos, para Assumpção, carregadas de carvão, levando debaixo deste combustivel caixões de armamento e polvora. Fomos informados mais que em Outubro do anno findo subirão da mesma forma, embarcadas no canal do Buenos-Ayres, oito peças miadas que vierão de Inglaterra, sendo distribuidas por quatro escunas que forão frotadas para conduzirom carvão, e para esse fim despachadas para Corrientes. Em Dezembro tambem subirão escunas com caixões de armamento e carvão por cima.

Isto é natural que tenha acontecido, mas nós continuaremos a ficar de braços cruzados? Não será conveniente que pelo menos dous vapores de guerra nossos se colloquem em corrientes ou nas tres boccas para evitar a continuacão desse contrabando, uma vez que o Paraguay já nos declarou a guerra?

Consentiremos que o inimigo acabe de munir-se de que lhe falta, para nos custar mais sangue e dinheiro, o desforço que somos obrigados a tomar pela nossa honra ofendida, e integridade violada?

Cujo as circumstancias talvez exijão que algum dos nossos vapores parta de Assumpção para Corumbá e vice-versa, observamos que nesse trjecto acima da Conceição 15 milhas, ha o passo do Itacuruby onde aldêa da existencia de pedras na margem oriental, o canal varia por causa do movimento da arêa, e ahí, sendo houver pratico, ha necessidade de sondar-se o rio para evitar-se que vapor possa encallar.

Acima d'este passo, justamente a meia distancia da Conceição a S. Salvador, ha outro denominaco do Cavalleiro, onde deve-se navegar com cuidado por ser baixo, e mais adiante d'isto, antes de chegar a S. Salvador, ha um ultimo passo chamado Pedras partidas, passando o qual, a navegação é franca até o rio S. Lourenço para navios que demandem de 8 até 9 palmos d'agua.

A provincia do Matto-Grosso, se tiver a testa de sua administração, um homem conhecedor do seu pessoal e dos seus recursos, poderá apresentar sem difficuldade um contingente de 6 a 7 mil homens, inclusive os 1,200 do linha que lá existem, além da força auxiliar de indios; e temos fé que os seus soldados não farão desmerecer a reputação gloriosa, que haõ adquirido os seus irmãos d'armas nas campanhas do Rio da Prata, em que sempre se hão portado heroicamente.

A nação paraguaya não quorerá continuar a estar passando aos olhos do mundo por uma nação escrava, terá os mais ardentes desejos de sacudir esse pesado e vergonhoso jugo, que tanto a humilha e avilta a face do universo; e nem quorerá que seus vindouros a analdiçom, e d'elli se recordem com desprezo. Presto-lho o Brasil apoio o seja o seu libertador: colloquemos sobre nossa cabeça essa corôa de gloria; e o estandarte com que pisarmos o solo da republica deve levar, em characteres indoleveis, estas sublimes palavras, que soarão até a posteridade

— Abaixo a Tyrãnta.

Salvação da honra e integridade do Brasil.

Regeneração do povo paraguayo.

do  
o  
ra

os  
e  
n-  
da  
ria  
ra-  
que

da  
al-  
xó,  
or,  
sa-  
iço

ua  
d e  
ide  
200  
os;  
r a  
ãos  
pro

tar  
iva,  
lo e  
ace  
ml-  
ie o  
bre  
com  
cte-  
té a

200-